

MÃE TRINIDAD DE LA SANTA MADRE IGLESIA
SÁNCHEZ MORENO
Fundadora de A Obra da Igreja

*A fala de Deus
em si e para si, e em manifestação
de sabedoria amorosa para fora*

*

*As vozes do Silêncio
que no silêncio fala*

* *

Orar é amar

*A oração é onipotente
para o filho de Deus que, sentado nos seus joelhos,
com Cristo, por Ele e n'Ele, sob o impulso
do Espírito Santo chama Deus: Pai*

* * *

*Igreja minha, Igreja amada,
Esposa do Cordeiro Imaculado e sem mancha,
a hora do poder das trevas caiu sobre ti*

* * * *

Varredores na Igreja



Editorial Eco de la Iglesia

6-10-1974

**A FALA DE DEUS
EM SI E PARA SI,
E EM MANIFESTAÇÃO
DE SABEDORIA AMOROSA
PARA FORA**

Imprimatur: Joaquín Iniesta Calvo-Zataráin
Vigário Geral
Madrid, 31-5-2007

2ª EDIÇÃO

Separata de livros inéditos da Mãe Trindade de la Santa
Madre Iglesia Sánchez Moreno e do livro publicado:

«VIVENCIAS DEL ALMA»

© 2007 EDITORIAL ECO DE LA IGLESIA

1ª Edição espanhola: junho 2002

A OBRA DA IGREJA

ROMA - 00149 MADRID - 28006
Via Vigna due Torri, 90 C/ Velázquez, 88
Tel. 06.551.46.44 Tel. 91.435.41.45

E-mail: informa@laobradelaiglesia.org
www.laobradelaiglesia.org

www.clerus.org *Santa Sé: Congregação para o Clero*
(Biblioteca - Espiritualidade)

ISBN: 978-84-86724-94-8

Depósito legal: M. 22.102-2008

Sob o impulso do Espírito Santo e a veemente petição de quem me envia; anonadada diante da pobreza do meu nada e enaltecida pela sapiencial sabedoria que penetra a minha alma, ilustrando-me para que, sob o saboreamento da vizinhança do Ser na realidade profunda do seu mistério, expresse-o;

quero hoje manifestar, de uma maneira simples, mas o mais profunda e claramente que me seja possível, não só o que Deus é em si, por si e para si, mas o modo e a maneira de como comunica-se à alma que, embriagada de amor diante do néctar saboroso da vizinhança de quem ama e buscando-o com coração simples e espírito aberto, encontra-o na realidade insondável do mistério transcendente e subjulgante do seu ser e do seu atuar.

Pelo que, depois de tantos anos de comunicação íntima e amorosa com o Infinito no côndito do meu espírito e nos meus longos e

profundos tempos de oração junto ao Deus do Sacramento, vividos em postura sacerdotal aos pés do sacrário; a minha alma sabe –de saborear–, em mistério profundo e transcendente, penetrada pela sapiencial, consubstancial e eterna sabedoria d’Aquele que É, a fala de Deus em soletrações amorosas de infinita comunicação coeterna e sacrossanta, nos seus modos de ser para dentro e de manifestar-se para fora, repletos de íntimos e inéditos dizeres.

Pois, tendo sido introduzida por Ele no profundo e recôndito da sua conversação eterna, percebi, subjugada de amor, alheia a tudo o de cá, e além das coisas criadas, aquela conversação de intercomunicação e familiar que, no seio da Trindade, é rompente de infinita Sabedoria em Explicação canora de inexauríveis, divinas e coeternas perfeições...

E «ali», transbordada, soube, num saber não sabendo de ilimitado entender, aquela intercomunicação trinitária que «de vida eterna sabe e toda dúvida paga»¹.

A vida de Deus é um mistério de conversação infinita pronunciada pelo Padre, onde tudo está dito na exuberância plena da Expressão do Verbo, tão saborosa, deleitável e descansadamente, que toda a potência sida e possuída do eterno *Ser-se* rompendo em fecundidade de pa-

¹ São João da Cruz.

ternidade infinita e amorosa é soletrada e saboreada, sem palavras de cá, na substancial Palavra que ao Pai, em resplendores de santidade, brota do seu seio em inesgotável manancial de conversação.

Deus *se é* Palavra para poder-se dizer na sua necessidade infinitamente perfeita, eterna e abrangida de expressar-se. Mas, Palavra que, pela perfeição da sua infinita explicação tem dito tudo no estouro de sabedoria que, fluindo do seio do Pai, rompe em Dito eterno e pessoal pelo Verbo: Palavra canora em soletração consubstancial de infinitude infinita de atributos e perfeições.

Pelo que o Incriado *se é* comunicação e intercomunicação gozosa na doação de mútuo retorno que as Três divinas Pessoas *se são* em e pelas suas relações, e possuem-se e desfrutam no modo pessoal de cada uma.

Mas que Palavra é em si o Verbo Infinito!, contença explicativa de abrangente perfeição, que, em concerto de inéditas melodias, vai soletrando, em diversidade de atributos, o manancial inesgotável, insondável e infinito das suas divinas e eternas perfeições...

Já está tudo dito no Seio-Amor por uma Palavra, eterna e infinita, de tanta afluência que, sendo Pessoa, é Fala de Deus...

Melodias doces de conversação...!; Concertos sagrados que são todo o *ser-se* excelso e infini-

to do Gerador rompendo num Dito que é todo Canção...!;

Canção, porque é doce a sua Voz expressiva de inédito acento, pelas melodias subidas e eternas da sua Explicação...

Ai se eu dissesse de alguma maneira, com meu pobre acento e na minha rude voz, o que eu intuo quando, transcendida, Deus prorrompe em vozes na minha captação...!

Eu não sei de que maneira a minha alma é capaz de aperceber aquela geração eterna do Verbo... Eu não sei como será, pois, sem nada ver, sem nada ouvir, escuto e vejo aquela Fluente em corrente infinita de vida que Deus *se é* em si, por si e para si, no seu modo de *ser-se-o*, pela profundidade profunda, profunda!, daquele ponto sagrado, na concavidade inédita do seu consubstancial mistério...

Como também conheço o falar de Deus em meu interior; pelo que o seu atuar, dentro do meu espírito, é percebido pela minha pobre captação deste modo misterioso que, sem saber como é, eu sei o que Aquele que *se É* está dizendo-me dentro do meu coração pelo modo que está atuando em mim.

Pois apercebo a atuação do Pai, do Filho e do Espírito Santo, no conjunto perfeito do seu atuar e no modo pessoal e peculiar de cada uma das divinas Pessoas.

Pelo que bem sei, em sapiência saboreável de inédita e sobrenatural captação, quando e como é o Pai aquele que atua no meu interior pondo na medula do meu espírito o seu infinito pensamento em vontade amorosa de mandatos eternos; quando é o Filho aquele que me fala em palavras melódicas e consubstanciais de explicação canora em soletração amorosa; e quando e como é o Espírito Santo quem, na sua passagem de fogo, sob a roçadura sacrossanta do toque da sua divindade, no esvoaçar de esposo, acaricia-me com a brisa do seu vôo, embriagando-me de amor.

Já que o toque pessoal dos Três e de cada um é inconfundível para a alma que, conhecendo, ultrapassada e submergida no mistério do Ser, o atuar divino em saboreamento de vida, sabe o modo pessoal de cada uma das divinas Pessoas no seu ser e no seu atuar.

Pois, ainda que Deus sempre atue em conjunto e a alma assim o apercebe, também ela saboreia, desfruta e sabe distinguir o modo pessoal de cada uma das divinas Pessoas em toque de divinização sapiencial ou de petição amorosa.

E é tão maravilhosa a atuação do Eterno na medula do espírito, como maravilhosa também a captação que Ele infunde no profundo e recôndito da alma para distinguir o que as divinas Pessoas dizem ou realizam no interior, cada uma no seu modo de ser, de atuar e de manifiestar-se.

No passar e pousar-se do Eterno em passagem de amor comunicando-se à alma, eu experimento, queda e claramente, o «respirar», em retinir, de Deus no meu peito; sendo consciente de que Ele é o Deus vivo e vivente!, que penetra, no seu hálito de vida, «respirando!», até o mais profundo e lacrado da medula do meu espírito.

E o sei porque Deus manifesta-o e diz a mim, sem palavras e sem conversações de cá, num dizer que é atuar-se e realizar-se em mim quanto Ele é, vive e quer-me comunicar.

Quando eu apercebo o Deus vivo e vivente «respirando!» na contenção do meu espírito, sei o seu amoroso palpitar em descanso comunicativo de doações eternas.

Deus está continuamente no meu interior. Eu o experimento, e apercebo o seu «respirar» descansado e contínuo, e o retinir em palpitação do seu peito, para que viva, por participação, n'Ele e em mim, quanto é e como o é em canção amorosa de dom eterno.

E este «descansado» e «contínuo», a mim é dizer-me que está continuamente e à vontade na minha alma; é dizer-me que Ele não é um Deus morto, mas o Deus vivo e vivente dentro de mim, no mais profundo e recôndito do meu espírito...; tão vivo, que eu apercebo a sua «respiração»...!

«A alma amante apercebe
o respirar do Eterno
em seus tempos de sacrário,
que são romances de Céu.

O respirar do Deus vivo
é inéditos concertos...,
é melodias de glórias...,
é sabores do Imenso...

O respirar de Jesus
é segredo e é silêncio,
é doce penetração
na profundidade do meu peito;

recreação da minha alma,
apetências por pegá-lo
e ânsias por palpitar
ao som do seu acento.

O respirar de Jesus
é sabido no silêncio,
é gostado no sacrário
e é vivido no segredo».

28-1-1973

E este estar Deus em mim vivendo a sua vida à vontade, sem pressa e em descanso repousado de amor, não é para mim sempre convite de Eternidade, mas petição de companhia, dentro, no profundo do meu ser...

Já que, quando a fala de Deus é comunicação de espírito a espírito em descanso amoro-

so em manifestação dos seus mistérios, este repousa tranqüilo e descansado, sem mais necessidade que receber, adorar e responder ao Amado da sua alma.

O atuar de Deus na alma é conversação que, penetrando-nos com a sua sabedoria na medula do espírito, vai-nos ensinando o seu modo de ser e de atuar, capacitando-nos para captá-lo.

Eu sei como é a passagem de Deus em chamada de Eternidade, porque põe o espírito em vôo e como em separação do corpo em lançamento veloz para Ele atrás da brisa da sua passagem.

Deus não diz nada do modo de cá, faz-se sentir em passagem de Eternidade.

«Uma ferida tão profunda
tenho no centro do peito,
que Deus mesmo está arrancando
a minha alma do meu corpo.

Sou subjugada nas vozes
infinitas do seu acento;
impulsada, corro a Ele,
e Ele me sustenta
no meu intento.

Chama-me para deixar-me
no cárcere do meu encerro;
e entre a vida e a morte,
pelo convite que sinto,

vôo impelida atrás d'Ele,
e a sua voz me corta de repente:

Espera, que ainda é cedo!,
não te levo ainda ao Céu;
não vim para tirar-te
ainda do desterro;
só queria beijar-te
e desprender-te do solo,
para que saibas saber,
em teu caminhar certo,
de que sabem meus amores
atrás de densos véus.
Só para mim te busco,
sem nada que corte o vôo
que empreendes, quando te lanças
em marcha de ascendimento.

Por isso venho buscar-te,
ainda que de novo te deixe
para que vivas pendente
do meu encontro,

para que estejas esperando
quando Eu volte de novo,
e sempre te encontre alerta,
em vigilante desvelo.

De ti quero quanto tens;
nem uma fibra a ninguém deixo!,
porque sou Herói de amores
que com zelos te desejo.

Não entregues a criaturas
o que só é meu troféu,
pois sempre busco ter-te
esperando quando volto.

E, ainda que vá embora na noite,
e te oculte meus desejos,
gosto que, ao vir a ti,
me esperes com anelo,
sem dormir, ainda que Eu tarde
no meu retorno, se chego.
Não durmas nunca, minha esposa,
virei para pegar-te para o Céu!

Amador das minhas conquistas,
descansa, eu sempre velo!».

1-6-1974

Quem entende as maneiras do atuar divino
no espírito, bem entenderá isto que digo; pois
eu distingo a sua passagem entre milhares pas-
sando; como sei o beijo, em virgindade eterna
de infinitos e celestiais amores, do Espírito
Santo em recreio de Esposo e em doação de
amor; experimentando e vivendo aquilo que,
no seu passar, Ele me quer dizer ou ensinar em
vivência palpitante, viva e vivificante, que se
converte em realidade.

Quantas vezes Deus quer ter seus colóquios
com a alma...! E beija-a do modo transcendente
da sua coeterna e virginal perfeição, infinita-
mente distante e distinta de tudo o de cá...;

festeja-a..., ama-a..., penetra-a..., embeleza-a,
engalana-a...; enche-a de jóias..., envolve-a,
enobrece-a e satura-a...; embala-a no seu arru-
lho e acaricia-a no seu seio...

E quantas vezes o Espírito Santo passa em
cauterização de amor por ela, para pô-la in-
candescente, para enaltecê-la nas suas brasas,
para aprofundar-se na sua profundidade como
uma seta de infinito amor, penetrando-a num
cautério que é feridor como os zelos e pene-
trante como o amor...!

E a alma sabe que é e o que Deus está rea-
lizando nela e porque está realizando-o; pois a
penetração da agudeza deste dardo de amor é
perfurante, e se introduz lentamente na conca-
vidade daquele ponto profundo da medula do
espírito como atravessando as entranhas da
alma em doloroso cauterizar.

E isto é tão delectavelmente saborável, que
é penetração penetrativa do Infinito em dardo
candente de amor; enaltecendo e levantando a
esposa tão maravilhosamente este atuar de Deus
nela, que são setas acesas que surgem da en-
tranha do mesmo Deus para a entranha da alma
em dardos de sabedoria amorosa de conversa-
ção secreta.

«Ó brisa calada!,
ó passagem de Imenso...!:
arrulhos sagrados,
concertos de Céu...;

melodias doces
em ténues acentos...,
finuras profundas,
recôndito anelo...;

antecipações caladas,
saudade em mistério...;
espera incansável,
arrulhos em fogo...;

harmonias suaves,
petições quedo...,
silêncios de Glória...,
antecipações de Céu...

Ó, o que eu oprimo
nos saboreamentos
e no degustar
que em meu peito tenho...!

É Deus mesmo em brisa,
em passagem secreta,
em arrulho doce,
em contato interno!

Ó, o que eu encerro
nos meus cativeiros
quando Deus se poussa
dentro do meu seio...!».

6-2-1973

Mistérios entre Deus e a alma, entre a criatura e o Criador, entre o Tudo e o nada...! Mas mistérios de amor que traspassam o espírito com as

flechas que, como setas, sendo tiradas das aljavas do Infinito Ser, são penetração de sabedoria amorosa para a esposa do Espírito Santo.

E estas «passagens» d'Aquele que É no mistério do seu passar, beijar e pousar-se, que são diversíssimas nos seus modos, maneiras e estilos; são sempre comunicação de espírito a espírito em sabedoria sabida amorosamente, que vai ensinando à esposa o dizer, em atuar misterioso, do seu divino Consorte...

É o Espírito Santo também, com o beijo da sua boca, com a penetração do seu dardo, quem, não só atua a união entre Deus e a alma nestes diversos modos de ir cauterizando-a, engalanando, enchendo de jóias e embelezando nas festas que ela apercebe no seu interior e vive em desfrute familiar com as divinas Pessoas; senão que o mesmo Espírito Santo vai fecundando a *alma-Igreja*, segundo o plano de Deus e os seus infinitos e eternos desígnios sobre ela dentro da mesma Igreja...

Pelo que, na brisa do seu vôo e na flecha penetrante do seu amor, fecunda-a, introduzindo no seu interior as almas que Ele, por um desígnio da sua infinita vontade, quer unir, num mistério de compenetração, para a glória do mesmo Amor Eterno.

«Bater das asas do Deus vivo
ouço na profundidade do peito,

ao passar quedo e beijando
em romances de mistério.

Escutei o Silêncio em vida
respirando no seu interior,
para dizer-se no seu *ser-se*,
em cantares de amor bom.

Silêncio!, filhos; Deus beija,
e o Verbo rompe em concerto,
expressando sem palavras
os mananciais eternos.

Silêncio!, que Deus pronuncia
a sua Palavra, sem conceitos,
num dizer que é ser Pai
em fruto de geração.

Como diz sua Palavra
o Pai na sua ocultação...!
Tanto, que é Filho infinito,
consustancial e coeterno,

o Fruto desse dizer,
em amor tão sempiterno,
que, de tanto amar-se Deus
na entranha do seu seio,

surge um Amor pessoal
em consustancial mistério;
surge o Espírito Santo,
que é chama, em língua de fogo.

Escutai, filhos, Deus passa;
eu apercebo o seu bater de asas;

fazei silêncio na profundez;
já sabeis quão bom é isso!

Silêncio!, Deus está perto
num passar de cautério
que, enquanto mais dá, mais pede,
pois amores são seus zelos.

Escutai, filhos, Deus passa;
respondei e fazei silêncio,
que eu sinto o seu olhar
e apercebo o seu bater de asas.

Que importam já as distâncias?;
vossa alma está no meu centro,
porque o amor do Deus vivo
as incrusta no meu peito.

Escutai, que Deus vos beija;
respondei e fazei silêncio,
porque saudade é amar,
e amar é compreensão».

13-2-1975

Bem sabe a alma que escutou a conversação
infinita de Deus n'Ele, por Ele e para Ele, e co-
nhece a sua fala na diversidade de dons e modos
de atuar, o que o mesmo Deus vai dizendo-lhe,
imprimindo-se nela, na diversidade dos seus mo-
dos de ser e de atuar na medula do espírito...!

Por isso, que tortura quando tem que ex-
pressar as maneiras incriadas do atuar divino,
com formas e palavras, sem que fiquem profa-

nadas estas «passagens» de Deus sob a expressão de conceitos humanos...!

E assim, só no silêncio do seu interior, a alma goza, sabendo a conversação infinita do Eterno Ser atuando-se nela segundo o seu modo pessoal e peculiar de atuar, e atuando nela a realização dos seus planos segundo o seu infinito querer na sua coeterna vontade.

Pobrezinha alma acostumada a viver do Infinito diante do mesmo Infinito..., a perceber a batida do seu coração..., o palpitar do seu peito, o respirar da sua vida e o mistério da sua realidade...!

Pobrezinha...!, pois, tendo escutado a Conversação infinita no seu ser e no seu atuar, sabe o Dizer de Deus em si mesmo e em comunicação explicativa no profundo da medula do seu espírito...

Pobrezinha criatura que, penetrando o dizer dos diversos toques de Deus em explicação de sabedoria saborosa e em compreensão de penetração intuitiva; e entendendo, vendo e penetrando o mistério da Eternidade, da Infinitude, e inclusive tendo penetrado e saboreado o da Subsistência divina e coeterna; tem que valer-se do seu pequenino e pobre modo de ser para dizer o Ser em seu ser para dentro e o Ser no seu atuar para fora...!

Cada palavra de Deus pronunciada no espírito é um dardo de amor que, em cauterização

aguda e perfurante, traspassa de parte a parte na comunicação da sua candente, infinita e eterna sabedoria...

E quando a sabedoria de Deus manifesta-se em vontade, introduzindo-se com a agudeza penetrativa do dardo candente da sua fala em petição dentro da alma, e impulsando-a irresistivelmente para a realização do seu desejo; esta, ao sentir-se impelida pela força divina, lança-se a realizar tudo quanto, imprimindo-se nela pela passagem de Deus, o mesmo Deus pede-lhe com relação a ela mesma e aos demais.

«Por que pões quanto queres
no fundo do meu peito,
como carvão aceso
de cauterizante anelo...?»

Por que o teu atuar é dizer-me
conversações de Imenso
com cunhos de afazeres
que eu hei de cumprir-te logo...?»

Feridoras são as tuas palavras,
qual gravações a fogo,
que me imprimem lentamente
teus infinitos desejos!

Teu querer é na minha profundidade
profundo como os zelos;
e, ainda que intente resistir,
teu amor abate meu empenho,

por ser quanto Tu me pedes
tão constante como o Céu,
que não muda em quanto busca,
ao ser teu dizer eterno.

Inútil que resista;
tua Palavra é como fogo!».

25-11-1974

Eu quero, meu Senhor, escutar as tuas infinitas conversações em Ti e em mim..., aperceber o palpitar do teu peito em Ti e em mim..., que é conversação comunicativa de amor eterno!

E quero, meu Senhor, escutar nos meus tempos de sacrário o teu Verbo Infinito, entre véus, nesta sublime e celestial maneira em que Tu te quiseste comunicar aos homens...!

Pois também, deste modo, o Verbo Encarnado se nos dá em perpetuidade de amor, sob as espécies sacramentais do pão e do vinho, nas diversidades do seu dizer inesgotável. Já que os seus sabores, os seus frutos e as suas captações, por parte da alma, são recepção do mesmo Infinito.

Porque é Deus quem lhe fala –pois no sacrário está o Ser–, e ela bem o apercebe...; mas o mesmo Deus feito homem e oculto no mistério da Eucaristia...!

Pelo que também se apercebe o respirar de Cristo no sacrário, o ranger da batida –sem ba-

tida– do seu coração e o som da sua voz, distintos e distantes de todas as batidas, as respirações e as falas dos homens; porque é a penetração da sua sabedoria divina que, com o matiz de Deus-Homem, se nos diz e se nos dá com coração de Pai e amor de Espírito Santo...

Eu conheço o olhar de Jesus sem ter visto seus olhos; e não o necessito para saber como olha!

Eu conheço a sua tristeza e o seu sorriso carregado de mistério, de amor e de entrega.

Apercebo a petição da sua sede sedenta, e a perfuração profunda da ferida do seu coração sangrento de amor pelos homens.

Sei quanto Ele me quer dizer em ensinamento, em petição ou em doação, exigindo-me a minha entrega. E nunca escutei com os meus sentidos o eco da sua voz, nem contemplei o seu olhar... Mas não o necessito para saber o seu olhar e o seu dizer em conversação divina e eterna de amor infinito pelos homens!

Ele me olha..., eu o olho...; e, na sua doação de entrega e na minha resposta de adoração, tudo fica dito sob a brisa silenciosa e delectável do Espírito Santo no arrulho misterioso do silêncio do sacrário...

Porque o olhar sereno de Jesus é pungente com a agudeza do dardo de amor que, saindo do peito de Deus, arrebenta pelo seu olhar de profunda penetração, incrustando-se na medula do ser.

«Quando te olho, Jesus,
o Infinito é quem fala,
rompendo em sabedoria
pelo teu profundo olhar.

Pois são teus olhos sábios,
tanto! que, para a minha alma,
dizem Aquele que É eternamente
em sapiencial ensinamento.

Quando te olho, eu vejo,
atrás dos lumes que te abrasam,
a Eterna Sabedoria
fluindo por teu olhar.

Pelos olhos de Jesus
Deus mesmo rompe em Palavra,
dizendo-se à alma amante,
que, transcendida, o capta.

Eu não sei o seu colorido,
pois nunca vi o seu olhar
como se vê aqui na terra
com percepções humanas.

Mas sei como Deus olha
desde a sua excelsa atalaia
pelos olhos de Jesus
em sapiencial labareda.

Por isso, quando o olho
nas suas pupilas sagradas,

é Aquele que É infinito
quem se diz a mim em Palavra.

Tudo encerra Jesus
no seu profundo olhar!».

4-9-1975

O falar de Deus é realizar o que diz na profundidade do espírito em sabedoria de aguda penetração. Deus fala sem palavras, e por isso o Verbo é pronunciado pelo Pai num silencioso e consubstancial Dito de ser.

A Eternidade é comunicação de todos os Bem-aventurados com Deus e entre si sem palavras e sem conceitos; já que, penetrados pela sabedoria divina, rompem num saboreamento de explicativa comunicação amorosa.

E a *alma-Igreja* que vive de fé, cheia de esperança e acesa nas chamas candentes e deleitáveis do Espírito Santo; no recôndito do seu coração, onde mora Deus em segredo de mistério, e em saboreamento de amorosa comunicação em intimidade com o Deus do Sacramento, junto aos pés do sacrário; escuta conversações eternas diante da proximidade em passagem do Infinito em divinos silêncios..., que a lança, cheia de esperança, na sua busca incansável para o encontro de quem ama.

Minha alma sabe também o dizer de Maria Virgem e Mãe por e no mistério da Encarnação

na proximidade da sua maternidade, no arrulho da sua carícia, na brilhantez da sua majestade, na brancura da sua virgindade...

Porque Maria é expressão do Infinito em reverberação do Eterno; sendo Ela por quem se nos descobre, se nos dá e se nos manifesta o mistério da Encarnação, atuado nas suas entranhas pelo toque amoroso, consubstancial, divino e transcendente, do virginal beijar do Espírito Santo.

Eu conheço o «dizer» de Maria quando, no saboreamento da sua proximidade, sem pronunciar palavras, diz-me: Maternidade divina..., coração de Mãe..., senhorio e virgindade; quando diz-me amparo e proteção; quando acaricia-me no seu peito, levando-me com ternura indizível e com abraço maternal ao seu coração.

É Maria quem inclinou-se para mim em 25 de março de 1962 e, sem nada pronunciar, disse-me tudo com a infusão fortalecedora do seu contato maternal e amoroso:

«VIRGEM, MÃE, RAINHA E SENHORA...
(Fragmentos)

Era branca a Senhora...!,
aquela que vi aquele dia,
qual cintilações de glória,
de majestade tão divina,
que refletia o Imenso
na sua infinita harmonia...!

A mim veio e aproximou-se...!
Em brancura reluzia...!
Era tão branca...!, tão branca...!,
que a sua brancura dizia,
do modo que pode fazê-lo
criatura tão simples,
a infinita excelsitude
de transcendência divina
em resplendores de glória,
onde Deus vive a sua vida.

Que senhorio encerrava
a sua brancura cristalina,
reflexo do Sol eterno
em substancial companhia...!

E eu a vi na terra...!,
mas não com estas pupilas
com as quais se vêem aqui embaixo
as coisinhas desta vida;
sendo os olhos da alma
os que em minhas profundezas olham,
e com os quais Deus quer
que me introduza na sua vida.

Nada disse com palavras,
com a sua presença, Maria;
mas tudo ficou dito
à minha alma dolorida
com a doce proteção
que a Virgem me oferecia.

Era Virgem...!, era Mãe...!,
era Rainha na sua harmonia...!

Tudo isto em mim imprimiu
em profunda sabedoria,
porque a vi com os olhos
que, na minha alma, eu tinha.

Um vinte e cinco de Março...!
Como esquecerei aquele dia!,
quando cheguei a compreender
que Deus mesmo me dizia,
no coração simples
da sua Mãe e da minha,
com doce maternidade,
o modo em que Ele queria
esta pobre "Trinidade"
que, Ele na terra tinha...

Era Deus, ou era a Virgem...?
Era Ele que me dizia
no peito da sua Mãe
tudo quanto me queria...!;
e me quis acariciar,
como meu Jesus o fazia
dia a dia no sacrário,
quando no seu peito punha
minha cabecinha pequena,
porque menina me sentia
quando a Jesus me aproximava
presente na Eucaristia...!

Era branca...!, era Mãe...!;
que fulgores envolviam
a sua excelsa maternidade
em virgindade submergida...!

Por isso ficou na minha alma
a figura de Maria
impressa com tanta luz,
que, sem palavras, dizia
a eterna Virgindade
que o Excelso em si tinha,
sendo-se-a no seu interior
por si e em si possuída
em rompentes cataratas
de paternidade divina.

Um vinte e cinco de Março...!,
sublime e terrível dia...!,
que deixou por sempre impressa,
na minha alma dolorida,
a figura da Virgem,
tão Rainha e enaltecida,
tão reluzente e tão pura
como o sol do meio-dia».

30-4-1993

E quando Deus mostra-me a Igreja na sua realidade tão divina como humana; diante da formosura do seu rosto e da sua plenitude de Divindade, minha alma, penetrada e inundada pela força e o impulso do Espírito Santo, proclama-a num delírio de amor, rompendo em melódicas e poéticas canções, arrebatada e subjugada pela beleza do seu rosto, cheio de santidade, juventude e divina formosura, capaz de fazer enlouquecer de amor o mesmo Deus pela Nova, Universal, Eterna e Celestial Jerusalém.

Igreja minha!, que formosa és...!, quanto te amo!

Mas, quando a Nova Sião aparece diante do meu olhar espiritual vestida de preto, jogada no chão e chorosa, ofegante e encurvada, cobrindo as suas ricas jóias com um manto de luto, e com as suas entranhas dilaceradas; pedindo ajuda de mim, a menor, última, miserável e mais pobre das filhas desta Santa Mãe;

gemo com gemidos que são inenarráveis pelo Espírito Santo com meu lamento estreme-cido pelo penar da Filha de Sião:

Ajudai-me a ajudar a Igreja!, que, qual torre fortificada, forte, invencível, incorruptível, inalterável!, derramando-se-me desde a altura da sua grandeza à pequenez diminuta do meu nada, como o «ungüento que cai desde a cabeça de Aarão, derramando-se até a orla dos seus vestidos»², empapa-me e penetra-me da repleção da sua divindade e o lagrimejar do seu pranto ofegante e dolorido.

«Porque a Igreja está ferida
e seus penares me conta,
me desabo enamorada
em doações secretas.

Agonia do meu Esposo,
afunda no meu peito a tua queixa!,
que eu buscarei, nos meus modos,
consolo para as tuas penas.

² Cf. Sl 132, 2.

Cristo..., Igreja dolorida...,
pranto de grande transcendência...,
pois, se a Igreja está ferida,
que sentirá a sua Cabeça?

Cristo bendito do Pai,
recebe assim a nossa oferenda
pela glória do teu Nome
e da tua Esposa, a Igreja!».

3-2-1976

E minha alma, sem nada ver, sem nada ouvir com os sentidos do corpo, contempla-a com os olhos do espírito na diversidade de maneiras que Deus digna-se mostrá-la a mim; ficando gravada no meu espírito com mais segurança, com mais certeza, do que tudo o que se possa ver ou escutar com os sentidos corporais.

Já que as captações da alma são como infinitamente distintas e distantes das percepções de cá pelos sentidos do corpo, só acostumados a perceber as coisas terrenas; enquanto que o espírito, ilustrado e iluminado pela sapiência do Eterno, transborda todo entender, compreender e discorrer.

Por isso, dá-me, Senhor, o teu Pensamento para conhecer-te, a tua Palavra para expressarte e o teu Amor para amar-te; e assim poderei realizar, sob a luz do Espírito Santo e a força que me invade, o teu mandato inscrito na minha alma e gravado, lacrado e selado como a fogo no mais profundo do meu coração:

«Vai e dize-o...!»; «Isto é para todos...!».

Já não necessita a minha *alma-Igreja* –depois de tantos anos de contatos amorosos nos meus longos e prolongados tempos de oração– de conversações criadas, nem de meios humanos para saber de Deus no meu saboreamento de vida silenciosa...!

Já, entre a criatura e o Criador, Deus realizou um mistério de intercomunicação tão perfeita, que, introduzindo-nos onde Ele, fez-nos captá-lo na sua sabedoria comunicativa pela participação da nossa natureza humana na sua mesma natureza divina!

Eu sei o que Deus me diz porque conheço a sua voz e o arrulho do seu passo entre milhares passando; e, na brisa do seu vôo, apercebo o atuar do seu ser nas entranhas do meu espírito, sabendo o que me quis dizer na suavidade sonora do seu passar, num dizer que foi realizado em mim pelo beijo da sua Boca com o toque da sua divindade; e também a manifestação do poderio de Iahweh, aceso em zelos pela glória do seu Nome, em petição candente que exige reparação diante da sua Santidade infinita ofendida.

Eu sei o falar de Cristo no sacrário, atrás do silêncio doce da Eucaristia, e a conversação maternal de Nossa Senhora toda Branca da Encarnação abrigando a minha alma no seu regaço amoroso; e também a canção da Santa Mãe Igreja, Esposa imaculada do Cordeiro, no seu esplendor cheio de santidade e refulgente de formosura, e o lamento dilacerante da sua pena

dolorida perfurando as entranhas da minha alma na profundidade do meu peito.

Mas o que não sei dizer aos demais é como são estas «conversações» comunicativas entre Deus e a minha alma, porque não cabe na palavra humana a atuação infinita do Eterno Ser...

Por isso, o descanso da minha vida arremanha-se silenciosamente na minha postura sacerdotil, que, prostrando-me em adoração reverente, faz-me receber Deus; e, respondendo-lhe, reparar a sua Santidade infinita ultrajada e ofendida e comunicá-lo aos demais em descanso de amor; respondendo em doação de entrega, na minha missão universal, com os homens de todos os tempos que têm sido, são e serão, diante do Infinito Ser como um hino de louvor e de glória que goza em que Deus *se seja* em si, por si e para si, tudo quanto pode ser, sido, desfrutado e possuído, em Conversação infinita em rompente eterno de fluente felicidade.

«Dos meus tempos de Sacrário
quis dizer o mistério;
quis explicar de algum modo
o palpitar do meu peito,
quando sinto quedamente
o Eterno no meu interior.

Quis explicar sem palavras
os beijares do Imenso,
os toques do Infinito,
o teclar do Silêncio.

Quis romper, como fosse,
o que fervia no meu peito,
e só consegui ficar
em tão feridor cautério,
que me sangram as entranhas
na fundura misteriosa do meu seio!

Quanto mais digo, mais soffro,
mas calar-me não posso
no meu dizer sem palavras,
no meu clamar sem conceitos,
no meu adorar o que vivo
por descobrir meus segredos.

Se calo, rompo em clamores
na minha missão como Eco
da minha Mãe Igreja em festa,
da minha Mãe Igreja em dó;
mas, se falo, profano
a fundura do meu mistério.

Por isso, não sei o que fazer
quando me cerca o Eterno,
quando me invadem suas vozes
dizendo-me seus mistérios;
já que tudo me é mais tortura
pela brisa do seu fogo.

Como calar sem dizer
os ardores do Excelso,
quando, em arrulhos de amores,
com a brisa do seu vôo,
deixa sentir o som
do seu vibrante concerto?

E, como falar, se interrompo
os colóquios do Eterno,
se profano, de algum modo,
o que há no meu interior?

Que duro me é viver
quando tudo me é tormento;
porque, quando tenho Deus,
sei que logo hei de perdê-lo
pela estranheza da sua passagem
enquanto viva no desterro...!

Quis dizer de algum modo
a fundura do meu segredo,
quando Deus se faz sentir
em beijares de mistério;
mas não tenho palavras
pela impotência que sinto.

Por isso, por mais que diga,
não consegui meu intento,
e fiquei sem dizer
os passares em pousares
e beijares do Imenso!».

20-12-1971

2-4-1972

AS VOZES DO SILÊNCIO QUE NO SILÊNCIO FALA

Quando, silenciada, a alma apercebe a voz do Eterno, rompe, nos seus clamores, em brisa calada e em chamas de fogo, o silêncio.

O silêncio fala como em melodias de tênues concertos... O silêncio fala no seu retinir sonoro e secreto, em mistério.

É algo profundo o que escuta a alma, que a dizer não acerto, quando, transcendida, ouve na oração as vozes do Verbo em silêncio.

Nada explica tanto a fala de Deus, como este mistério de nada dizer que, nos seus teclares, contém o silêncio em concerto.

É conversações..., melodias doces em brisas de fogo..., eternos romances..., palavras inéditas..., vozes de cautério, em segredo;

algo que escapa..., algo que é tão grande envolvido entre véus, que é dizer de Deus, silente e sagrado, que é o mesmo Imenso nos seus fogos.

Ó se eu conseguisse expressar as vozes que oprimo no meu peito...!, que vêm e vão, quando a alma consegue ficar em silêncio, muito quedo.

Três classes de silêncio apercebem-se, em saboreamento sagrado de eterno mistério, ali no profundo do espírito, no contato interior, sacrossanto e silenciado da alma com Deus, e nos tempos de sacrário, afundada no mistério do Senhor do Sacramento que se oculta, silenciado atrás das noites do mistério, esperando por se acaso alguém vier vê-lo.

Um –silêncio de bem-estar, de saboreamento, de doçura, de paz, de alienação–, o que experimenta a alma que, saboreando de alguma maneira a vizinhança do Eterno, busca, levada pelo desejo suave e silencioso que percebe no seu interior, a solidão;

na qual descansa amorosa, repousando na vizinhança de quem ama; como reclinada no peito de Jesus que a espera incansável para que, atrás da busca de quem se lança ao seu encontro, aperceba a sua presença deleitável, saborosa e silenciosa, que de alguma maneira lhe fala, no mistério da vizinhança de Jesus, tão silenciosa e sobrenaturalmente que, sem saber como é, é separação das coisas de cá e união sapiencialmente amorosa e comunicativa do espírito com o Deus do Sacramento.

Quem busca Deus atrás das portas do sacrário ou no recôndito do seu coração, perseverante, encontra-o num descanso de paz e num saboreamento secreto e deleitável que o faz descansar, sem nada saber, sem nada querer, sem nada buscar e sem nada escutar, sob

a sapiência suave e saborosa de algo sobrenatural que faz repousar o espírito num gostinho de silêncio silenciado que por nenhuma coisa deste mundo quereria perder.

Pelo que, quietinha, descansa num saboreamento que é vida, vizinhança do Amado; ficando como transcendida naquilo que só percebe e saberá expressá-lo aquele que, junto aos pés do sacrário ou no recôndito e profundo do seu interior, sabe algo, em degustação amorosa, da vizinhança do Bem buscado e achado, no segredo misterioso do arcano recôndito do espírito: «Eis que Eu a vou levar à solidão, onde lhe falarei ao coração»¹.

À solidão das coisas de cá, e à busca do encontro com Deus que nos espera incansável, sob as espécies sacramentais, feito Pão por amor, século depois de século, sem cansar-se, atrás das portas do sacrário, por se acaso alguém vier vê-lo para estar com Ele em colóquios de amor, em doce e íntima companhia amorosa.

Pelo que há que buscar tempos para estar no sacrário em silêncio. E junto a Jesus, em espera amorosa, pacífica, silenciosa e paulatinamente vai experimentando-se, de uma maneira secreta, mas profunda e silenciada, a vizinhança do Deus vivo, vivente e palpitante, que diz ao nosso coração: «E eis que Eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos»².

¹ Os 2, 16.

² Mt 28, 20.

Jesus gosta de ser buscado pelos que ama,
para manifestar-lhes o seu segredo de amor
atrás das notas silenciadas da brisa calada do
silêncio.

«Vizinha lonjura...,
saudade do Eterno...,
doce melancolia
de Deus...

Horas longas de espera
me chamam ao silêncio,
onde o Amor de amores
me amou.

Mistérios do Sacrário
que a alma amante intui,
em dias silenciosos
de Sol...

Fogaréu dos meus olhos!,
fogo dos meus vulcões!,
aurora da minha vida
em calor...!

Corro buscando ansiosa
o termo seguro
que replete nas minhas lutas
meu dom.

Secreta é minha carreira
em busca do Amor».

5-1-1974

Depois deste silêncio, vivido na intimidade
com Jesus na Eucaristia ou pela presença de
Deus no recôndito e íntimo do nosso coração,
onde a *alma-Igreja*, pela graça, mediante a sua
vida de fé, participa do mistério de Deus na sua
Trindade de Pessoas morando nela e comuni-
cando-se a ela em participação de vida amoro-
sa, sob o arrulho silencioso e sacrossanto do
Espírito Santo;

perseverante na busca do Deus do seu co-
ração, queda e paulatinamente, vai sendo in-
troduzida, e como transcendida, em outro si-
lêncio que não é de cá; que, mais que silêncio,
é um rumor silencioso..., profundo... que é pre-
lúdio de tênues concertos que enchem a alma
de recolhimento, sentindo-se vizinha do Amor
Eterno, mas sem possuí-lo do modo certo que
o necessita o amor em vôo, na câmara nupcial
do Infinito Ser, afundada e penetrada no seu si-
lêncio sagrado.

O silêncio das coisas de cá põe a alma em
contato com Deus; e este silêncio interior enche-
a de vida e a faz capaz de escutar o Verbo, de
recebê-lo, de captá-lo, de aperceber a sua con-
versação, de saborear o seu mistério, de ali-
mentar-se no seu gozo, na sua vida, na sua per-
feição e no seu segredo...

E que profundidade tão maravilhosa, tão se-
creta, tão terna, tão misteriosa, tão saboreável,
tão vizinha, e ao mesmo tempo tão distante e
tão distinta do silêncio das coisas criadas, tem

este silêncio, que, no seu modo criado, põe-nos em contato com o Incriado e é fala de Deus de espírito a espírito...!

«*Que tem o silêncio,*
nas melodias
das suas notas doces,
que fala de Imenso...?»

Que tem o silêncio,
que convida a adorar,
toda transcendida,
diante do seu mistério...?»

Que tem o silêncio,
que fere na alma
e a deixa ungida
em brisas de Céu?

Que tem o silêncio,
que impregna, no seu dom,
tudo o que é vida
com a sua roçadura queda...?»

Que tem o silêncio,
que fala de Deus
só no roçar
do seu tênue beijo?

Que tem o silêncio,
que, sem dizer nada,
com a sua brisa funda
me fala de Eterno?»

Que tem o silêncio...?
Que têm as suas notas...?
Que têm as suas brisas...?
Que têm os seus fogos...?».

22-4-1972

E há um terceiro silêncio que é distinto e distante de tudo o de cá, porque é vizinhança d'Aquele que É em posse do mistério do Eterno, e que submerge o espírito e silencia-o no Mistério infinito da sua profundidade. E ali, dentro daquela profundidade, o faz escutar conversações em vozes eternas do Ser.

Conversações que não são palavras, mas que é sabedoria saborosa de silêncio secreto. Mas uma sabedoria subida e silenciosa e um silêncio tão saboroso, que a alma sabe saboreável e delectavelmente –sem saber– como não é precisamente que esteja saboreando a doçura do silêncio de cá, ainda que seja espiritual, mas que está submergida e embriagada na posse do Silêncio que é Deus; que, em claustrais requiebro, são vozes de fogo que comunicam ao espírito algo tão misterioso, tão inédito, tão fundo e tão secreto, que só o Infinito Silêncio sabe dizer na conversação saborosa das suas vozes...

Porque o Silêncio que é Deus, são vozes!; vozes de sabedoria em concerto de paz e em romance de amor; vozes de vida eterna; vozes que o espírito aberto compreende que são melodia em vizinhança de Eternidade...; melodia de Eternidade que é comunicação do Eterno e

manifestação dos seus atributos e perfeições em sabedoria saborosa de divino e consubstancial Silêncio.

«Quando Deus me afunda dentro das vozes
que encerra o Silêncio,
fico submergida no mais profundo
da sua ocultação;

e ali, sem palavras, respondo no meu estilo
do modo que posso,
sem nada dizer com frases terrenas
de quanto compreendo.

Segredos profundos da voz eterna
do Verbo no meu peito...!
Ai, quanto descubro dentro da fundura
que oprimo no meu seio...!:

São vozes claustrais, melodias doces
de eternos concertos...,
sonoros amores do Ser na minha alma,
com ternos acentos...

É tanto e tão doce, tão enamorado
o que eu contenho!,
que o Silêncio rompe em falas sagradas,
dentro, nos meus cautérios.

Que doce!, que profundo,
que terno e secreto
é saborear as vozes
que encerra o Silêncio!».

13-3-1975

Uma coisa é sentir o silêncio da criação que, com a sua voz inanimada, fala-nos do Imenso ou a doçura do silêncio espiritual, com a sua paz, o seu gozo, a sua transcendência em nossos tempos de oração ou no silêncio do espírito; e outra sentir-se introduzida em Deus, que é o eterno, consubstancial, subsistente e divino Silêncio. É como um salto do criado ao Incriado, da criatura ao Criador, do humano ao divino.

É verdade que, diante da vizinhança de Deus, a alma, de uma ou de outra maneira, é introduzida no silêncio mais ou menos sobrenatural, ou mais ou menos transcendente; levada por Ele à separação das coisas de cá e submergida na embriaguez do gozo sapiencial da sua vizinhança.

Mas, que tem a ver com o que se experimenta quando Deus se faz viver no atributo do silêncio, o qual, rompendo em vozes de comunicação, soletra em assobio delgado a sabedoria saborosa dos seus infinitos atributos e perfeições...?!

Já que, quando a alma, levantada de tudo o de cá e submergida no silêncio sacrossanto do Ser, sente-se introduzir no Silêncio e atraída por ele; conforme vai-se adentrando, apercebe na profundidade do espírito um teclar de inéditos concertos, numa profundidade e num «algo» fino e delicado; tão dentro, tão secreto e sobrenatural!, que se experimenta na profundidade profunda do silêncio calado do espírito.

E descobre-se ali, no recôndito do ser, ali dentro, dentro...!; de tal forma que todos os ruídos,

os pensamentos e as imaginações que pudessem vir, tudo o que seja distinto e distante dessa percepção que se está experimentando no profundo d'Aquele que É coeterno no seu consubstancial silêncio, tudo, tudo! sabe-lhe à alma de ruptura e impedimento daquilo que está vivendo no mais interior e lacrado do seu espírito.

Quando a alma, no seu silêncio, põe-se em contato direto com Deus, de espírito a espírito, todos os ruídos da terra parece que aumentam ao sentir o toque do Eterno Silêncio que a vai introduzindo lentamente, levantando-a de tudo o de cá com a brisa da sua passagem e a roçadura do seu vôo, saboroso e deleitável, nesse saboreamento delgado que a põe em união direta com o mesmo Deus.

Parecendo a quem isto vive como se experimentasse a separação da alma e do corpo; tomando todos os ruídos externos umas dimensões terríveis, e sendo todas as coisas como um choque fortíssimo que lhe repercutem dolorosamente na medula do ser.

Que martírio sofre o meu espírito diante do contato com Deus em silêncio, e diante da sua força que me impulsa irresistível e dilacerantemente a dizer o que tenho em mim e a luta de não saber expô-lo...!

«No silêncio te busco,
no silêncio te encontro,
no silêncio te vivo,
e em sede de silêncio morro.

Nada há que diga tanto
como a voz do silêncio,
onde o mesmo Deus se diz
em silencioso mistério.

Quando penetro na fundura
do silêncio do meu Verbo,
escuto como Deus fala
em beijo de Coeterno.

Deus é Silêncio infinito
que, em silêncio, vai dizendo
sua silenciosa Palavra
em silente bater de asas;

bater de asas de amor puro
no seu beijar de concerto.

Deus é Silêncio divino...
Filhos, que profundo é isto!

Silêncio, na Eucaristia,
silêncio, nos altos céus,
silêncio, dentro da alma,
silêncio, ao arder o fogo...,

porque Silêncio, em sua vida,
é Aquele que É Coeterno».

13-2-1975

Três classes de silêncio conhece o meu ser,
os dois primeiros são prelúdio do terceiro e preparação para ele, mas como infinitamente distintos e distantes.

Para ser introduzida no Silêncio do Ser é necessário que a alma tenha sido anteriormente possuída e roubada totalmente, em alienação e perda de tudo o de cá, pelo silêncio saboroso que a vizinhança da passagem de Deus infunde no espírito.

Depois deste silêncio, o Amor Infinito pega a esposa do Espírito Santo e, adentrando-a no seu seio, fá-la passar do silêncio espiritual ao abismo insondável do seu *ser-se* Silêncio. E ali, na profundidade profunda do seu mistério, em vida de Eternidade, diz-lhe, na conversação da sua infinita Sabedoria, o seu *ser-se*, em melodias eternas de infinitos e coeternos concertos.

E quando, abismada e possuída pelo silêncio na vizinhança da posse do Subsistente Ser, infinito e eterno, começa a experimentar que este não é o silêncio que necessita, apesar de ser-lhe tão profundamente saboreável; então é quando está sendo preparada por Deus para ser introduzida na câmara nupcial, recôndita e selada, do seu Silêncio sagrado.

E apercebe como se se abrissem uns porções que separam tudo de cá do Infinito; e que, sem saber como, num instante de silêncio indescritível e num vôo de misteriosa transcendência, é introduzida e internada no Silêncio do Ser, deixando como infinitamente distantes os silêncios que, para ela, foram caminho certo e seguro que a levou até a porta suntuosa do eterno e infinito Silêncio que é Deus.

E uma vez introduzida naquela profundidade profunda, experimenta que, atrás dela, fechou-se-lhe a porta, e que existe um abismo de separação entre o silêncio criado e o incriado, como poderia existir entre a vida e a morte, entre a terra e o Céu, entre o Tudo e o nada, entre a criatura e o Criador; passando a viver pelo silêncio de cá, ao Silêncio infinito que é Deus no seu ser, na conversação eterna do seu subsistente e consubstancial silêncio, que são vozes inéditas de divinais concertos.

Hoje compreendi e vivi, de uma maneira nova, a separação completa e absoluta entre o silêncio criado e o incriado, entre os silêncios com minúscula e o Silêncio com maiúscula que *se é* Deus, sob as notas sacrossantas e silenciosas do mistério diante da passagem de Deus em beijo de Eterno.

Meu silêncio é Deus em vozes claustrais de eterno mistério. E quando a minha alma entra no vulcão do seu fogo eterno, gosta –de saborear– o néctar divino do seu cativo. E sente-se presa, e sente-se ferida no seu mesmo centro, toda submergida na greta profunda do vulcão aberto.

Tudo é um martírio por ver que não digo isto que eu sinto que o Silêncio é, e que não se pode dizer entre véus; isto que não sabe dizer a minha palavra com estas maneiras, frases e conceitos, por mais que o intente com o meu pobre acento!

Hoje compreendi, num modo novo, que o Silêncio é Deus, neste silêncio que apercebo eu quando entro dentro.

Finalmente hoje rompi com este mistério; pois, quando dizia que ia ao silêncio, sempre apercebia um profundo segredo que, na sua transcendência, me sabia de Eterno, sem que ainda soubesse a sua decifração... E é que o meu Silêncio não era de cá, era dos Céus!

E por isso sozinha vago no meu desterro, porque sempre chamo do modo que posso, com minhas expressões, humano aquilo que é eterno.

Meu Silêncio é Deus...! É vozes de Céu..., é conversações em concerto inédito que saboreia a minha alma quando meu Deus tenho...

Hoje compreendi de um modo novo as profundidades dos meus três silêncios: Um que é descanso em paz de consolo; outro vizinhança do Deus dos Céus; mas outro é claustrais vozes do Eterno.

Os três são saborosos, os três são muito bons; uns são de cá, outro dos Céus.

Um leva ao outro. Um se consegue à força de esforços; outro, que é toque de Deus, beijo de cautério, vizinhança doce, que remonta em vô a alma que busca no seu reclamar, com o seu saborear, os lumes do Céu.

Mas o outro é Deus que fala em secreto, dentro, na substância, do seu grande mistério!;

é explicação em vozes de fogo, comunicações no seu mesmo seio dos atributos que, em descobrimento, Deus nos dá gratuitamente em doces encontros!; sem que o homem seja capaz de tê-lo pelas próprias forças do seu valimento e saborear o dom do Silêncio eterno.

Hoje compreendi a grande diferença que ensina o mistério. Hoje compreendi, de um modo doce e de um modo novo, que o Silêncio é vida, tanto!, que é eterno: é a Eternidade vivida em desterro.

6-12-1973

**ORAR É AMAR.
A ORAÇÃO É ONIPOTENTE
PARA O FILHO DE DEUS QUE,
SENTADO NO SEU COLO,
COM CRISTO, POR ELE E NELE,
SOB O IMPULSO DO ESPÍRITO SANTO
CHAMA DEUS: PAI**

Deus vive o mistério insondável e transcendente da sua vida trinitária na plenitude apertada da sua infinita perfeição;

sendo e tendo em si, por si e para si, no seu ato abrangido e coeterno de vida, tudo quanto infinitamente pudesse apetecer, ser e possuir;

não necessitando de nada fora de si para ser e ter quanto é e quanto tem, porque é, em infinitude, tudo o que infinitamente pode ser;

e o é, na sua perfeição coeterna de sê-lo, por infinitude infinita de perfeições e atributos, e tem quanto pode ter; apesar de poder ser e ter tudo em subsistência abrangida, divina, eterna e infinita.

O homem é o que Deus quis que fosse, e tem quanto Deus gratuitamente quis dar-lhe.

Deus quis criá-lo à sua imagem e semelhança, para que fosse expressão em reverberação da sua infinita perfeição, e para que o possuísse por graça, participando da sua mesma natureza divina.

Tudo o que Deus é, n'Ele é realidade infinita, sida e possuída em adesão coeterna a si mesmo. O homem é imagem de Deus e o possui na medida que a Ele se adere.

Pelo que, para realizar a plenitude do seu ser e do seu atuar, a criatura, criada essencial e exclusivamente para possuir o infinito e sumo Bem, há de tender irresistivelmente —e tende ainda que a maioria das vezes sem sabê-lo— para Deus, único fim para o qual foi criada, e único meio para satisfazer todas as exigências e apetências do seu coração;

«Assim como a corça suspira pelas águas correntes, suspira igualmente minha alma por Ti, ó meu Deus! Minha alma tem sede de Deus, e deseja o Deus vivo; quando terei a alegria de ver a face de Deus?»¹ para saciar-me nas correntes dos seus eternos mananciais, diante da contemplação da luz do seu semblante...

E quando isto faz, vive no encaixamento da sua realidade, é feliz e dá sentido perfeito a todo o seu ser e atuar.

Pelo que um homem que não tende para Deus, é um ser deforme na criação, fora do seu centro e desencaixado do seu fim.

¹ Sl 41, 2-3.

Quando o pecado separou-nos de Deus e tirou-nos do nosso centro, lançando-nos por caminhos que nos afastavam do sumo e único Bem, Deus mesmo, inclinando-se em compaixão misericordiosa para a miséria da nossa ruindade, determinou, num esbanjamento infinito em derramamento de amor pela humanidade caída, fazer-se Homem: Caminho de luz que nos conduziria novamente à sua Vida por meio da Verdade que, como Palavra Infinita do Pai encarnada, nos manifestou no amor coeterno do Espírito Santo.

E para que isto se convertesse em realidade perfeita e acabada, enxertou-nos n'Ele, «como os sarmentos na videira»²; fazendo-nos uma coisa consigo mesmo, reencaixando-nos no seu plano infinito para fazer-nos viver n'Ele, por Ele e com Ele, no acoplamento perfeito da vontade divina, segundo o desígnio amoroso ao criar-nos.

Mas, ao incorporarmo-nos ao seu plano de Redenção, quis associar-nos a si, de maneira que a sua vontade sobre nós se realizasse pela nossa colaboração e adesão a Ele como sumo e único Bem.

Deus se nos dá total e incondicionalmente, descobre-nos e manifesta por Cristo, através de Maria e no seio da Santa Mãe Igreja, a realidade infinita e profunda do seu ser e do seu atuar,

² Cf. Jo 15, 5.

e pede-nos a nossa resposta livre e pessoal à doação infinita e amorosa da sua entrega.

Convida-nos a segui-lo, fazendo-se Ele mesmo para nós o Caminho sugestivo da felicidade que nos conduz à sua Vida. Não nos obriga; o seu amor infinito convida-nos generosamente à plenitude da posse da sua vida segundo a nossa capacidade, e exige a nossa colaboração em resposta, para chegar a consegui-lo como único fim, para o qual formos criados.

Foi plano de Deus levar-nos a Ele, ao criarmos à sua imagem e semelhança; é plano de Deus incorporar-nos a Ele por meio da Redenção; e é plano de Deus –que Ele voluntariamente respeita– que a sua doação infinita seja recebida com e por nossa colaboração; e por isso se nos dá incondicionalmente, mas o recebemos na medida em que nos abramos à sua doação infinita e eterna.

Filhos da Santa Mãe Igreja, Nova, Universal e Celestial Jerusalém, membros vivos e vivificantes do Corpo Místico de Cristo; que faria Deus em nós e conosco se nos abríssemos à sua ação santificadora...! Que plenitude de vida e de felicidade a da nossa posse...! Que amplitudes de horizontes se nos descobririam nos torrenciais mananciais das eternas Fontes...!

Mas não todos nos saciaremos das águas do cristalino arroio, senão quem se põe a receber das suas infinitas correntes e na medida em que se abre aos afluentes insondáveis e inesgotá-

veis que brotam do Seio do Pai pelo lado aberto de Cristo em derramamento amoroso sobre a humanidade.

«Quem beber da água que Eu lhe darei, nunca mais terá sede. Pois a água que Eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte de água jorrando para a vida eterna»³.

Quanto tem Deus preparado para nós, e, às vezes, que pouco recebemos, por não saber ou não querer preparar-nos diante da passagem do seu amor eterno...!

Criou-nos e remiu-nos para que fôssemos semelhantes a Ele, e para que vivêssemos na companhia de lar da sua Família Divina, mas por meio do nosso «sim» de colaboração com a sua entrega amorosa.

Quantas coisas quer dar-nos...! Quantos bens espirituais e inclusive materiais que, por falta de entrega, colaboração e resposta ao derramamento dos seus dons e frutos, ficam no querer divino sem converter-se em realidade...!

«Tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome Ele vos dará»⁴. Tudo! Dando tal força à nossa oração, que, por Cristo, n'Ele e com Ele, sob a força e o impulso do Espírito Santo, somos onipotentes diante do Pai.

Por que não conseguimos então quase nada? Porque não pedimos como devemos; e por isso

³ Jo 4, 14.

⁴ Jo 15, 16.

a maioria das vezes a nossa vida se faz infrutuosa e os nossos rogos estéreis.

Já que «se tivéssemos fé como um grão de mostarda, diríamos a esta montanha que viesse aqui, e viria. Nada nos seria impossível»⁵.

Deus tem inumeráveis graças pendentes e como penduradas das nossas petições, já que, ao enxertar-nos n'Ele, deu-nos um sacerdócio recebido da plenitude do Sacerdócio de Cristo, capaz de arrancar os tesouros infinitos do seu peito, em derramamento para todos os homens; e, no exercício peculiar do nosso sacerdócio –oficial ou místico–, fazemo-nos fecundos e vitalizadores dentro da Igreja.

Sacerdócio real e misterioso que repleta as nossas vidas na plenitude da posse de Cristo, diante de Deus e diante dos homens.

Na medida em que temos Deus, comunicamo-lo e, pelo nosso sacerdócio peculiar, vivido «entre o pórtico e o altar»⁶, glorificamo-lo e damos vida às almas.

Que manancial de graças, de dons, de frutos e de riquezas tem o Pai contido no vulcão do seu seio aberto, esperando a nossa oração simples, cálida e familiar, para derramar-se em frutos de vida eterna...!

Que grande, que onipotente, que poderoso é um homem orando em postura sacerdotal aos

⁵ Cf. Mt 17, 20.

⁶ Jl 2, 17.

pés do Sacrário...! Tanto que, diante dele, o Céu abre-se para entornar-se sobre a humanidade.

Este é o mistério da Eucaristia: a espera amorosa e incondicional do Amor Infinito buscando os corações simples para entregar-se a eles totalmente.

«Horas de Sacrário que são um encontro com a alma ferida no seu caminhar; encontro amoroso do Amor que pede amor ao que ama, só para amar...

Horas de Sacrário..., tempos de silêncio..., petições doces, terna intimidade...; colóquios de amores..., relação de amigo..., manifestações de Divindade...

Horas de Sacrário, melodias tênues em terna nostalgia que convida a adorar...

Deus está tão vizinho, que a alma, em silêncio, sente ali a batida do seu respirar.

Horas de Sacrário..., horas de mistério..., tempos de prelúdios em felicidade...; colóquios de Céu, onde o homem vive, com doces acentos, em peregrinar, momentos sublimes na Imensidade...

Horas de Sacrário reclamam as minhas ânsias, e hoje peço às almas, atrás do meu reclamar, para que apercebam, em ternos colóquios, os mistérios profundos da Eternidade.

Horas de Sacrário que são um abismo onde o homem entra para contemplar o mistério imenso do Deus escondido atrás da forma humilde de um pedaço de Pão.

Horas de Sacrário, em gritos de amores implora às almas minha maternidade.

Horas de Sacrário!, filhos das minhas ânsias, que o Amor espera nos seus dias longos sem cansar-se nunca, em terno esperar...

Horas de Sacrário que são um “pedacinho” da dita eterna da Eternidade...!».

9-5-1972

Que grande é orar e que poucos o descobrem...! E por isso, quantas graças contidas e quanta vontade divina sem cumprir entre os homens.

Pelo que, nas épocas da Igreja em que os cristãos oram mais, a sua irradiação apostólica é mais sobrenatural, mais segura, mais extensiva, mais frutífera, já que tudo quanto peçamos ao Pai, em nome de Jesus, nos é concedido. Em nome de Jesus! Ou seja, segundo Jesus, segundo o seu plano eterno e sobrenatural, que quis associar-nos à sua doação infinita para nós mesmos por meio da oração. «Pois não existe de baixo do céu outro nome dado aos homens pelo qual possamos ser salvos»⁷.

⁷ At 4, 12.

Deus determinou, no seu plano coeterno, dar-nos quantas graças necessitássemos em comum e em privado no seio da Igreja. E depositou-as no seu seio de Mãe e comunicam-se-nos em dons e frutos do Espírito Santo, em e pelos Sacramentos, instituídos por Cristo e encomendados aos Apóstolos e seus Sucessores; mas quis que fôssemos buscá-las com espírito contrito e coração sincero. Pelo que, se não as buscamos, não as encontramos e as perdemos para sempre.

Quis também conceder-nos tudo quanto lhe pedíssemos segundo a sua vontade, e submeteu à nossa oração inúmeras graças e dons que lhe seriam arrancados do seu peito bendito na medida da nossa petição.

Quando não oramos, perdemo-los. E por isso, quantas graças perdidas...!, quantas coisas que Deus quer conceder-nos para nós e para os demais por meio da nossa petição, e, por não as pedir como devemos, não as alcançamos...!

«Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto. Pois todo o que pede, recebe; o que busca, acha; e ao que bate, se abrirá»⁸.

Eu hoje compreendi, de uma maneira como nova, numa rajada luminosa e subjugante de luz e numa penetração aguda desta verdade no meu entendimento, que, quando as coisas vão mal é porque, ao não volver-nos a Deus, não fazemos como e o que temos que fazer, pelo que não

⁸ Lc 11, 9-10.

conseguimos o que temos que conseguir; já que, na oração, não só aprende-se o que há que fazer e consegue-se o que há que conseguir, mas se esclarece o entendimento no descobrimento dos mistérios de Deus e os planos eternos da sua vontade para todos e cada um de nós.

Que simplesmente compreendi e com que segurança vi o coração infinito do nosso Pai cheio e transbordante de graças, dons e frutos, esperando que lhe sejam arrancados pela nossa petição simples, expansiva e amorosa para a realização do nosso ser e atuar, em relação a nós mesmos e aos demais...!

«Quem não poupou o seu próprio Filho, e o entregou por todos nós, como não nos haverá de agraciar em tudo junto com Ele?»⁹.

Aos pés do Sacrário é onde aprende-se a ser o que temos que ser e a fazer o que temos que fazer. Diante das portas do sacrário, «os Portões suntuosos da Eternidade», onde oculta-se o Deus vivo, «Luz de Luz e Figura da substância do Pai»¹⁰, surge a vocação à virgindade, ao sacerdócio; floresce a vida missionária e enche-se de impulso o nosso coração, de luz o nosso entendimento, de amor a nossa vontade e de força o nosso atuar, para realizar os planos divinos com alegria e segurança.

Por isso, quando o homem perde o seu contato com Deus, único fim para o qual foi cria-

⁹ Rm 8, 32.

¹⁰ Cf. Hb 1, 3.

do, a escuridão da noite envolve-o, deixa de ser o que tem que ser, e, atuando em consequência, faz o que não deve, ou como não deve;

então, não surgem vocações, a vida missionária enlanguesce, o humanismo apodera-se dos corações, o confucionismo invade-nos e as concupiscências arrastam-nos e escravizam-nos.

Porque, aonde encontrará a criatura o verdadeiro sentido do seu ser e do seu atuar com a autêntica sabedoria que ilumine a sua existência, se perde o contato com Aquele que é a Luz dos seus olhos e o Caminho do seu peregrinar?

«Fez-se noite e caiu o silêncio,
que envolve nas notas de uma imolação,
saudades sagradas carregadas de amores,
que esperam serenas o seu oferecimento.

Que importa que o mundo não entenda o mistério...!
Minha alma goza em crucificação,
com um “sim” que exige tudo, até a morte,
sem mais recompensa que dar glória a Deus.

Louvor quero ser do Infinito,
descanso do Cristo que, na sua petição,
põe nas entranhas do meu peito ferido
um profundo gemido, pedindo-me amor.

Diversas maneiras busca o meu Dono
para recrear-se com a minha doação:
requebros de amores ou penas caladas
que são silenciadas pela incompreensão.

Não importam os modos
que na minha alma amante
imprime o Eterno dentro no meu interior!
Afogada me sinto por tantos penares,
mas sei que o meu Esposo é consolador.

E por isso, sempre que venho ao sacrário,
Ele me beija quedo e, no seu coração,
escuto um lamento que almeja resposta
à grande tragédia da sua Redenção.

Assim hei de escutá-lo em longas esperas,
até que a Ele agrade mostrar-se-me em sol,
pois seus olhos sempre são lumes de fogo,
ainda que a tristeza nuble o seu esplendor.

Por isso, o sacrário onde eu o espero
é para mim vida, selada por Deus,
portões eternos que ocultam, entre véus,
a glória excelente d'Aquele que É em dom».

8-3-1977

Que pacífica, que doce e que serenamente
compreendi hoje que o coração de Deus não
muda!

Como também compreendi-o aquele dia no
qual, estando com Jesus no sacrário, diante da
confusão aterradora da maioria dos filhos da
Igreja que loucamente correm buscando Deus
sem encontrá-lo pelo caminho da sua vontade,
ofuscados pelo desconcerto da confusão que
nos invade e o «eu» obstinado da sua soberba;

profundamente aflagida, perguntei ao Esposo
da minha alma, oculto por amor no mistério da
Eucaristia, que como era possível que os homens
mudaram tanto de pensamento, de critérios, de
modos de ser e de atuar segundo os séculos e
os tempos...

E vendo como não conheciam a verdadeira
vontade de Deus, e, amalucados, não só viviam
confusos, senão que confundiam os demais;

enquanto, dolorida, apresentava a Jesus a si-
tuação arrepiante que o meu espírito apercebia
entre os filhos da Santa Mãe Igreja, disse-lhe:

«Jesus, e Tu o que pensas diante da vacui-
dade e da volubilidade dos pensamentos dos ho-
mens...?»

Apercebendo a sua contestação amorosa que
me respondia:

«Eu sempre penso igual, porque o meu pen-
samento é eterno e perfeito; pelo que não está
submetido a mudanças nem a critérios distintos».

Com o qual, entendendo que, diante da per-
feição infinita do pensamento divino, imutável!,
infinitamente abrangente!, não podia ter mu-
dança, compreendi que a diversidade dos nos-
sos pensamentos humanos e confusos, pessoais
e coletivos, volúveis e imperfeitos, submetia-nos
a estar sempre mudando no nosso modo de ser,
de pensar e de atuar.

E a comunicação desta verdade, feita por
Jesus à minha alma, foi tão luminosa, profunda,
saborosa e deleitável que, descansando amoro-

samente no peito do Senhor saturado de Divindade, voltei a dizer-lhe:

«Jesus, eu não quero os pensamentos dos homens. Eu quero teu pensamento, que é perfeito, para pensar sempre como Tu.

Não quero mais pensamento que o teu, para ser perfeita e atuar sempre segundo a tua vontade.

Dá-me o teu pensamento e assim não me equivocarei nunca, e atuarei, contigo e por Ti, sempre em perfeição.

Eu não quero os pensamentos dos homens, tão vazios, pobres, confusos e mesquinhos...!»

Penetrando a frase da Escritura: «Como são fúteis os pensamentos dos homens!»¹¹.

«Quando me afundo na luz
do teu infinito mistério,
minha pobre mente se perde,
ficando sem conceitos;

e então, e só então!,
me introduzo no teu interior,
e descubro, com teu Sol,
teu pensamento
na eterna transcendência
do teu Beijo.

E ali admiro a tua Verdade,
e ali adoro o que vejo
com a infinita pupila
com que Tu te olhas em zelo

¹¹ Sl 93, 11.

na recôndita fundura
do teu seio.

Mas, se intento olhar-te
com minha vista no desterro,
sem saber como será,
eu te perco.

Por isso dá-me tua luz
e teu fogo,
que é viver-te;
mais não quero.

Quando te olho em tua vista,
resplandeço».

21-4-1970

Está cheio o Amor de eternas misericórdias, ardendo em ânsias infinitas de derramar-se em torrentes de luz amorosa sobre a humanidade; mas espera a tendência simples de nossas vidas para Ele, a petição clamorosa de nossas orações para entornar-se concedendo-nos tudo o que, em nome de Jesus, lhe peçamos.

«Esta é a confiança que temos em Deus: se lhe pedimos alguma coisa segundo a sua vontade, Ele nos ouve»¹².

Também compreendi que, se não lhe pedimos no amor, com fé cheia de esperança, não no-lo concede; descobrindo o porquê da situa-

¹² 1 Jo 5, 14.

ção pavorosa em que nos encontramos muitos dos membros da Igreja.

Conseguiu o Maligno separar os filhos de Deus do contato com o seu Pai junto aos pés do sacrário e no profundo e íntimo do seu coração, onde Deus mora continuamente, pela graça, em comunicação íntima e amorosa: «Se alguém me ama, guardará a minha Palavra e meu Pai o amará, e a ele viremos e nele estabelecemos morada»¹³; pelo que somos templos vivos de Deus e morada do Altíssimo.

«Se o sacrário fosse ser que palpitasse e que compreendesse o que tem dentro, rangeria e arrebentaria, porque não poderia conter seus fogos, os fogos que tem dentro do seu encerro.

Eu sou um sacrário,
um sacrário vivo que oculto o Eterno
em glórias de triunfo e no ranger
da minha vida em dó.

E por isso sinto, no retinir
do meu pobre peito,
estalido em greta, pela força imensa
do transbordamento
do sacrário em vida
que há no meu interior.

¹³ Jo 14, 23.

Eu sou um sacrário que vive invadido
pela força imensa
do que contém
no seu encerramento.

Eu sou um sacrário
e arrebento em fogo!

Eu sou um sacrário!
Um sacrário em vida!
Não um sacrário morto!!».

2-2-1973

Conseguiu o inimigo tirar importância aos Sacramentos; está conseguindo deixar os sacrários vazios com o mito de pôr o homem no lugar de Deus, relegando a Deus, portanto, a um segundo plano, com o fim de, paulatina e ladinamente, ir fazendo-o desaparecer do coração do homem.

Que grande, que onipotente é a força avassaladora de uma alma simples que implora adorante o derramamento do Amor Infinito sobre a humanidade...!

Aos pés do Sacrário cumpre-se o fim para o que fomos criados, sendo o que temos que ser e fazendo o que temos que fazer com relação a nós e aos demais; pois conseguimos quanto pedimos, se o pedimos segundo o desígnio de Deus, alcançando o fazer-nos semelhantes a Cristo, protetor do órfão e da viúva, subjugador de amores, Sol da verdadeira justiça, «Conse-

lheiro-Maravilhoso, Deus-Forte, Pai-Eterno, Príncipe-da-Paz»¹⁴, Caminho seguro que nos conduz à verdadeira e autêntica felicidade.

Que grande é orar...! Tanto que, quando oro, realizo plenamente as dimensões incalculáveis do meu ser, cumprindo o plano infinito de Deus ao criar-me para ser imagem e semelhança sua e para fazer, por adesão e participação da sua vontade infinita, o que Ele faz.

Que grande é orar...! Porque orar é estar com Deus. E pode haver coisa maior para a criatura que se pôr em contato com o seu Criador?

«Senhor, ensina-nos a orar...»¹⁵.

Diante do qual, Jesus, voltando o seu olhar ao Infinito, exclamou:

«*Pai nosso que estás nos Céus, santificado seja o teu Nome*»

e glorificado, para que isto se cumpra sobretudo e por cima de tudo.

«*Venha o teu Reino*»,

para que nos encaixemos nos planos eternos de Deus, vivendo aqui em fé e depois em luz no seu Reino e do seu Reino.

«*Seja feita a tua vontade, assim na terra como nos Céus*».

Isto é o essencial e principal que Cristo quis manifestar-nos, ensinando-nos a orar ao Pai

¹⁴ Is 9, 5.

¹⁵ Lc 11, 1 ss.

Celestial, para o encaixamento perfeito do plano de Deus. E como consequência de tudo isso:

«*O pão nosso de cada dia dá-nos hoje*»
para sustento das nossas vidas neste peregrinar.

E «*perdoa as nossas ofensas*», com a condição que nós «*perdoemos a quem nos tem ofendido*»; amando-nos uns aos outros, segundo as palavras de Jesus, «como Ele nos amou»¹⁶; já que «não há prova de amor maior que dar a vida pela pessoa amada»¹⁷.

E finalmente:

«*Não nos deixes cair em tentação*»,
estando dispostos a perder a vida, se for preciso, antes que ofender a Deus.

«*Mas livra-nos do Maligno*»,
que anda «como um leão a rugir, procurando quem devorar»¹⁸ pelas seduções do mundo, mediante as concupiscências da carne.

E, no final, unidos todos no amor do Espírito Santo, sejamos uno como o Pai e o Filho são uno, conheça o mundo como nos amamos, e Deus seja glorificado nisto.

Já ensinou Jesus, o Divino Mestre, à sua Igreja nascente, a maneira simples, amorosa e comunicativa, como o pequenino no regaço do seu Pai, de pôr-se em contato com Deus!:

«—Mostra-nos o Pai e isto nos basta.

¹⁶ Jo 15, 12.

¹⁷ Cf. Jo 15, 13.

¹⁸ 1 Pd 5, 8.

—Há tanto tempo estou convosco, e tu não me conheces, Filipe? Quem me viu, viu o Pai». «Eu e o Pai somos uma só coisa»¹⁹.

A atitude dos nossos corações há de ser, portanto, um olhar amoroso e confiado para o Pai em expressão de infância evangélica, que se volve para Ele para que, apoiados no seu regaço, mostre-nos os seus mistérios.

Jesus, cheio de gozo, expressa a grande alegria do seu coração prorrompendo numa ação de graças ao Pai porque revelou seu segredo aos pequeninos, ocultando-o àqueles que, crendo-se alguém, consideram-se os sábios e prudentes do mundo:

«Eu te louvo, ó Pai, Senhor do Céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai e ninguém conhece quem é o Filho senão o Pai, e quem é o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar»²⁰:

a estes que, sem saber, sentados no teu colo, chamam-te Pai.

Os Apóstolos eram pequenos, e por isso perguntam ao seu Mestre a maneira de orar. E ao ouvi-lo dizer que chamassem Deus: Pai!, os seus corações, saltando de gozo no Espírito Santo e cheios de alegria como infinita, compreenderam

¹⁹ Jo 14, 8-9; 10, 30.

²⁰ Lc 10, 21-22.

até onde amava-os o Senhor: Podiam chamar Pai Aquele que era o tudo, a satisfação, a felicidade de Jesus, e com a qual eles ficariam saciados, não desejando mais!: Pai...!

Com que gozo os Apóstolos, durante a vida de Jesus e depois que o Divino Mestre, na sua ascensão gloriosa, foi para a Casa do Pai —«Subo a meu Pai e vosso Pai; a meu Deus e vosso Deus»²¹—, estariam desejosos de encontrar um tempo em intimidade profunda de silêncio saboroso, no qual, cheios de saudades pelo Infinito e volvidos para Ele, pudessem, com pleno direito, chamar Deus Pai!, empregando a mesma palavra, a mesma fórmula que Jesus empregou para comunicar-se com Ele...!: «Pai nosso que estás nos Céus»²².

Filho de Deus, herdeiro da sua glória, participe da vida divina, não sei como expressar-te, dizer-te e gravar na tua alma como hás de orar.

Sei que, na vida do espírito, a base para chegar a encontrar-se com Deus, a conhecê-lo em sabedoria amorosa, a descobrir os seus mistérios e desígnios eternos e maravilhosos sobre nós, a penetrar nas riquezas insondáveis que nos comunica no seio da Igreja, chegando assim a ser «perfeitos como o nosso Pai Celeste é perfeito»²³; é saber orar e encontrar, no segredo da oração, o descanso e familiaridade com Deus que a alma necessita.

²¹ Jo 20, 17.

²² Mt 6, 9.

²³ Mt 5, 48.

Na medida e forma que ores, serás mais feliz, mais fecundo, darás mais vida e cumprirás o plano divino sobre ti.

«Sou ditosa quando oro,
porque satisfaço a apetência
das fomes da minha sede,
porque encontro quem desejo
e apercebo a doçura
que se encerra num sacrário silenciado
em rumores candentes pelas chamas de Iahweh.

Sou ditosa quando oro, porque chego
a todas as partes
em imensas apetências,
que se abrigam no meu ser,
de irradiar por todo o mundo
os fogaréus infinitos
que em teu seio contemplei.

Sou ditosa quando oro,
porque realizo em meu terrível apetecer
quanto sou e quanto busco
no meu modo transbordante de querer.

Sou ditosa quando oro...
Não há fronteiras para a alma que, adorante,
desaba-se diante de um sacrário silencioso,
nas suas ânsias delirantes de ter,
escutando os lamentos do Imenso,
que, feito Homem, descobre-se ao povo amante,
tão humano e tão divino como é.

Sou ditosa quando oro
e repleta em minhas plenitudes,
nas minhas fomes e na minha sede,
e nas minhas saudades de Céu
diante do Ser.

Sou ditosa quando oro.
Deus conhece os meus porquês!». 20-3-1973

Pelo que é necessário que vamos orar em postura de infância evangélica que brota de uma espontânea humildade, ao compreender o coração infinito do Pai em contato amoroso com a pequenez da nossa alma que, transbordante de júbilo, pode chamar o Infinito Ser, três vezes santo: nosso Pai Deus.

Seja a atitude da tua oração um correr a descansar no regaço do teu Pai. E ali, na intimidade da tua pequenez, deposita no seu coração, junto aos pés do sacrário ou em qualquer momento do dia no profundo e recôndito do teu coração, onde Deus mora pela vida da graça, teus problemas; desafoga n'Ele as tuas penas, expõe-lhe as tuas necessidades em petição amorosa de adoração rendida que geme, após as noites deste peregrinar, escutando os lamentos do Deus da Eucaristia, que, em petições candentes de amor, em teus tempos de sacrário quer comunicar-se à tua alma; pois «está fadigado o Amor por não encontrar a quem comunicar o seu segredo», já que o Amor espe-

ra sem se cansar no silêncio da Eucaristia, atrás do mistério de dias e de noites prolongados por se acaso alguém vier vê-lo, pois não sabe de cansaços aquele que ama.

«Jesus sofria em silêncio,
e em silêncio queixava-se,
e em silêncio pedia-me
que eu entrasse no seu silêncio
e no seu silêncio o amasse

E, quando eu entrava n'Ele,
em silêncio eu ficava,
penetrando a tragédia
que no seu silêncio se dava...

Ó, quanto diz o silêncio,
quando em silêncio nos fala...!».

3-4-1969

Por isso, filho da alma, vai à oração para estar um tempo com o Amor Infinito; procura pôr em teu espírito o máximo grau de amor puro que possas; busca-o incansavelmente até que o encontres no segredo das suas noites de sacrários prolongadas. Não te canses, alma querida, na tua espera; agrada ao Amor ser buscado pelos que ama.

Que seja a nossa postura na oração um pôr-nos no coração d'Aquele que sempre nos ama infinitamente, abraça-nos eternamente, compreende-nos, e amorosamente beija-nos, de tal for-

ma que escutemos o seu segredo de amor; já que «quem se apóia no peito de Cristo, faz-se pregador do divino»²⁴, dando glória a Deus e conquistando almas para o seu Reino.

Pelo qual, quando vás orar com coração contrito e espírito humilhado, em reverente postura sacerdotal; se de alguma maneira apercebes o silêncio cadente da vizinhança de Deus que se te faz presente na Eucaristia ou no fundo da tua alma, onde o mesmo Deus fala ao teu coração, sob o saboreamento amoroso do teclar das notas do Espírito Santo, na suavidade sonora da sua intimidade amorosa; não busques nada que te ate para pôr-te em contato com a tua Família Divina. «Levarei a alma à solidão e ali falarei ao seu coração»²⁵, já que «no silêncio está o teu louvor».

Deus nos pede que entremos no interior da nossa casa, «na câmara», onde só Ele mora; «fechar com a chave», e ali, em profundo silêncio, estar-nos com o nosso «Pai que mora no segredo» e que busca a solidão e o silêncio para comunicar-se.

«Mas tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechando tua porta, ora a teu Pai que está lá, no segredo; e teu Pai, que vê no segredo, te recompensará»²⁶.

²⁴ Cf. Evágrio Pôntico.

²⁶ Mt 6, 6.

²⁵ Cf. Os 2, 16.

Toda a vida de Jesus foi uma tendência para o Pai e um levar-nos para Ele, para que nos abraçasse no amor do Espírito Santo. Sempre que Jesus te quer ensinar a orar, pede-te que te faças pequenino e que te jagues nos braços do Pai, que já o Pai sabe tudo o que necessitas.

Orar, como muitas vezes te disse, meu filho, não é complicar-se a vida buscando modos e maneiras para tratar com o Amor Infinito.

Orar é ir a pôr-te em contato com o teu Pai Deus como possas.

Orar é avivar a presença de Deus, buscando-o no seu silêncio e escutando-o na sua intimidade, junto às portas do sacrário e no mais íntimo do teu coração;

é dizer-lhe tudo isso que tens na tua alma; é pôr-te no seu coração de Pai tal como és.

Por isso, a oração umas vezes será falar com Jesus no sacrário; outras, escutá-lo; outras, olhá-lo e sentir-te olhado;

descansar no peito do Amigo e fazê-lo descansar;

dizer-lhe sim numa entrega total ao seu amor eterno; adorar em prostração amorosa;

abandonar-te nos seus braços de Pai; sentar-te nos seus joelhos para que te conte o seu segredo;

apoiar a tua cabeça, como São João, no peito do Divino Mestre; escutá-lo de joelhos como

a Madalena; olhá-lo embelezado, como os pequeninos;

ou ficar em silêncio, em saboreamento suave, pacífico e silencioso de amor.

Orar é tudo aquilo que te leva ou te põe em contato amoroso com o Senhor, para tirar e dar amor.

Orar é fazer grande silêncio para ouvir o Amor Infinito no seu silêncio amoroso, para escutar a sua fala sem palavras. Já que o Verbo, apesar de ser a infinita e consubstancial Palavra e o eterno Dizer do Pai, comunica-se em secreto na oração à alma que sabe buscá-lo em intimidade; a qual fica acesa nas chamas candentes do Espírito Santo diante do contato do Filho eterno do Pai, que se lhe entrega em doação para dizer-lhe o seu segredo infinito.

O Pai te senta no seu colo para dizer-te a sua vida amorosa; e como o seu dizer é atuar, diz-te o seu Verbo, beijando-te no amor do Espírito Santo.

*«Que tem o silêncio,
que deixa escutar
as vozes do Verbo...?»*

*Que tem o silêncio,
que, em seu teclar,
qual lira de Glória,
descobre os véus
que oculta o mistério...?»*

Que tem o silêncio,
o silêncio oculto
que envolve na sua nuvem
o *Sancta Sanctorum*
de Deus em seu seio...?

Que tem o silêncio,
que abre aos famintos
os Céus,
e os introduz,
sem nada dizer-lhes,
nas melodias,
secretas do Verbo...?

Que tem o silêncio,
que rasga o mistério...?».

12-2-1973

Quando vás orar e não tenhas nenhuma coisa na tua alma que te una com o Amor Infinito ou urja-te depositar n'Ele, abre o Evangelho ou outro livro que te fale de Deus e dos seus mistérios para ajudar-te a acender o teu espírito, lê algo dele; e quando apercebas uma quietude amorosa que te convida a descansar ou repousar no peito de quem amas, fica em silêncio, amando.

Se com isto te basta para o tempo de oração, não busques mais, que o Senhor levar-te-á à solidão para falar ao teu coração.

Se te distraís, volta a buscar o meio e o modo de voltar a encontrá-lo. Mas uma vez que de al-

guma maneira apercebas vizinhança ou presença de Deus, deixa tudo e está em silêncio com Ele: «Esquece o teu povo e a casa do teu pai, que o Rei se apaixone por tua beleza»²⁷.

Se a tua imaginação distrai-te, procura o silêncio; e se não o podes conseguir, busca e olha Jesus no sacrário, abre novamente o Evangelho, e volta a ajudar-te, para adquirir o recolhimento, com outro ponto de leitura curtinho e breve.

Isto fá-lo na oração quantas vezes creias necessário para deixar as imaginações e procurar entrar paulatinamente em recolhimento, suave, profundo e amoroso.

Mas, quando sintas em ti a necessidade de ficar pacífica e deleitavelmente em silêncio saboroso para escutar Deus, de olhá-lo com amor, ou de estar saboreando, sabendo ou compreendendo qualquer verdade que à tua mente possa vir e que te ajude como meio remoto para amar, não busques mais, que o Amor está perto, atuando e realizando-se em tua alma.

«Eu vos conjuro pelas corças e gazelas do campo, que não desperteis nem façais acordar a minha amada até que ela o queira»²⁸.

Muitas vezes disse-te que orar é amar; pelo que a alma tem que ir à oração para encontrar

²⁷ Sl 44, 11-12.

²⁸ Ct 2, 7.

Aquele que ama. E te repetirei isto até que morra, porque sei que, quando Deus fala de espírito a espírito no recôndito e profundo do coração, estorvam as leituras, os conceitos, as formas e as palavras; pois o Verbo, apesar de ser a infinita e eterna Palavra, quando se dá na concavidade profunda e recôndita do espírito, fá-lo num eterno e consubstancial silêncio de Ser.

E assim, quando a Sabedoria divina e amorosa, que é a fala do Infinito, vai-se infundindo saboreavelmente em degustação amorosa no recôndito do espírito; este sente ou experimenta de alguma maneira que se acende em amor; que vai sendo penetrado pelo entendimento divino; que se lhe está comunicando Deus em sabor de vida eterna; já que o dizer do Verbo é da mesma maneira que fala ao Pai: uma Expressão infinita de sabedoria secreta, que, em retorno de amor ao Pai que o gera, diz-lhe, sem ruído de palavras, todo o infinito ser do *In principio*.

Sacerdote de Cristo, alma consagrada, membro vivo e vivificante do Corpo Místico de Cristo; conheço por experiência no meu contato com as almas, que quem busca Deus sem cansar-se, antes ou depois encontra-se em saboreamento profundo e deleitável com o Deus do Sacramento.

Pelo que se procuras fazer oração aos pés do sacrário, em breve tempo começarás a pregar o saboreamento do silêncio; e, atrás dele

e nele, o gozo da vizinhança e presença de Deus, pois no sacrário está o Ser.

E então saberás –de saborear– a passagem do Amor em brisa silenciosa e sacrossanta de Eternidade.

«O Imenso passa
em hálito quedo,
em brisa calada,
oculto em seus véus.

O Imenso passa
com as melodias que exala o silêncio;
e eu ouço sua voz,
e escuto seu acento,
e descubro ansiosa a sombra que deixa
em seu passar quedo.

O Imenso passa
com brisa de fogo».

6-2-1973

A maneira de falar de Deus é segundo Ele é, «em espírito e verdade»²⁹. Por isso comunica-se de espírito a espírito, como Ele é. E Ele é o Silêncio infinito, a suavidade sonora em asobio delgado.

Pelo que, quando sintas necessidade de silêncio e nele apercebas algo saboroso, como

²⁹ Jo 4, 24.

com gostinho que não é material mas saber de vida eterna, ou simplesmente silêncio gostoso e quentinho onde se está à vontade porque apercebe-se a vizinhança da pessoa amada; isto é fala de Deus à tua alma.

Porque é dizer-te ou fazer-te saborear, sentir, gostar, ou intuir, o que Ele é, sem expressões de cá, mas em comunicação de silêncio, onde o Amor põe-te para falar, não aos teus ouvidos, mas ao teu coração, em segredo de intimidade.

Não necessita Deus para falar à alma de nenhuma palavra; tanto que, quando na oração ou fora dela ouvem-se palavras, não é diretamente Deus quem se lhe comunica, mas que o faz por meio da criatura palavra, mediante a qual expressa a sua vontade.

Mas, quando no silêncio da oração calada, apercebe-se um frescor silencioso em suavidade sonora de vida eterna, então é quando a substância do Incriado está comunicando-se à substância da alma, e é quando esta em verdade pode dizer, sem medo de equivocar-se, que a Sabedoria do Pai, a Palavra canora na Trindade, está falando ao seu ser pequenino de Igreja.

Deus *se é* a Paz infinita, o Amor saboroso, o Gozo pacífico, a Sapiência expressiva, a Sabedoria secreta...

Pelo que, quando estás em oração e sentes necessidade de estar em silêncio, porque apercebes ou saboreias um frescor de paz, um amor

saboroso, um gozo espiritual, um não sei que de silêncio profundo que te convida a estar caladinho e quietinho sem pensar, só apercebendo ou escutando aquele sabor que, enchendo-te de paz e silêncio, sem tu mesmo poder-lhe dar forma, sabes em experiência de alguma maneira, ainda que seja tênue, que estás perto de Deus;

escuta, alma querida!, não te distraias!, que o Verbo, no silêncio, está falando-te sem ruído de palavras no profundo e íntimo do teu coração, dizendo-te em teu interior, em saboreamento, sem forma nem figuras, o que Ele é; já que a fala de Deus atua o que diz.

Às vezes pensamos que o falar de Deus é como o nosso, que a comunicação do Infinito é de modo humano por meio de conceitos e palavras; e não, alma querida, não. Deus fala como é, «em espírito e verdade».

E por isso, sem ruído de palavras, se te infunde o mesmo Verbo abrasando-te no amor do Espírito Santo, iluminando-te na sua luz, fazendo-te sentir e viver seu espírito de fortaleza, de sabedoria, de ciência, de temor de Deus, de bondade, de amor, de justiça e de paz..., num gozo, silente e sacrossanto, saboroso e deleitável, fruto também da fala divina, em luz candente e sonora do Espírito Santo.

Meu Deus, leva-me à tua solidão e aperceba eu o teu silêncio em dito infinito, para que, fazendo-me semelhante a Ti, saiba-te e comunique-te às almas «em espírito e verdade».

«Sinto a brisa delgada
do teu infinito concerto
atrás das notas misteriosas
do beijar do teu Silêncio...

Sinto arrulhos do Deus vivo
na fundura do meu peito,
e ardores de Glória
em prelúdios de mistério...

Sinto Deus do modo estranho
que consegui possuí-lo
nas noites da morte,
enquanto vivo no desterro...

Sinto Deus constantemente,
no meu viver lastimeiro,
atrás das portas do sacrário
e no profundo do peito,
na luta da vida,
sem tê-lo como espero.

Tenho Deus secretamente
entre clamores em dó!».

20-3-1972

Jesus, eu quero estar contigo para estar com o Pai no amor mútuo e infinito do Espírito Santo, realizando assim a plenitude do meu ser e do meu atuar, no encaixamento perfeito e acabado dos teus planos sobre mim dentro do seio da Igreja.

Eu sou Igreja, e, em função do meu peculiar sacerdócio, necessito estar «entre o pórtico e o altar», recebendo o Infinito para comunicá-lo aos homens, e recolhendo a humanidade para apresentar-me diante de Deus com toda ela, implorando, com petição simples e amorosa, o derramamento da sua vontade sobre todos e cada um dos seus filhos.

Quando Moisés elevava os braços, o Céu abria-se, e o Deus dos Exércitos derramava-se portentosamente em conquistas de glória pela força da petição do seu eleito³⁰.

Que grande é um homem quando ora...! Tanto, que se faz poderoso e onipotente com o poder de Deus, sendo capaz de viver e ser por participação, o que Deus é e vive por natureza no acompanhamento do seu *ser-se* Família.

«Hoje descanso em teu peito, desabada de amores,
ansiando novos sóis de eterno resplendor;
confio nas promessas repletas de mistério
que ouvira no interior do teu infinito amor.

Encontro-me desabada por provas reprimidas que oculto no segredo de um lento agonizar. Por isso, quando oro afundada no meu silêncio, repouso descansando sem nada desejar.

³⁰ Cf. Ex 17, 11.

Tuas glórias são os triunfos do peito dolorido,
que reprime um gemido, ao sentir-se ultrajar.
Que sabem os mundanos do teu zelo aceso,
do teu amor escondido, querendo-se entregar...!

Eu oculto os lamentos que na tua fundura
apercebo,
e respondo a meu estilo, intentando captar
teu ranger secreto de Cristo enternecido,
para expressar em eco teu ardente lamentar.

Que bem se está em silêncio pertinho
do Sacrário
depois de comungar,
sem buscar mais consolo que amar e ser amada!
Só isso, sem mais...!».

13-12-1978

19-5-2002

**IGREJA MINHA, IGREJA AMADA,
ESPOSA DO CORDEIRO
IMACULADO E SEM MANCHA,
A HORA DO PODER DAS TREVAS
CAIU SOBRE TI**

E, depois de quanto acabo de expressar, tão profundo, saboroso e deleitável, diante da realidade subjugante do mistério contido no seio da Santa Mãe Igreja, tão divina como humana, prolongação viva, vivente e palpitante do mistério de Cristo na sua Encarnação, vida, morte e ressurreição gloriosa;

desejo manifestar, diante das situações dramáticas pelas que durante todos os tempos vai passando a Mãe Igreja neste duro peregrinar, conduzindo-nos, no seu caminhar ofegante, para a Casa do Pai; para que, «com temor e tremor, obremos a nossa santificação»¹;

os perigos que por todas as partes nos espreitam, com o intento diabólico de separar-nos do único fim para o qual fomos criados e, com isso, poder perder Deus para sempre.

¹ Cf. Fl 2, 12.

Pelo que quero expor uma das coisas que o Senhor mostrou à minha alma sobre estas situações tristíssimas, dramáticas e demolidoras que passa a Igreja pelos contínuos ataques dos inimigos desta Santa Mãe e as insuspeitas e inúmeras filtrações no seu seio.

Aos 18 de outubro de 1978, afogada pela dor e tomada pelo espanto, escrevia no meu diário espiritual:

«Tenho medo dos inimigos da Igreja que estão infiltrados nela...

Na Igreja, vi também... como um grande “polvo”!, cheio de horríveis tentáculos, que se infiltravam por todas as partes; e que, quando ia-se ver por onde estavam escondidos, este soltava a sua tinta, envolvendo tudo, não deixando lugar para descobrir as suas artimanhas ocultas e diabólicas.

As trevas e a confusão invadem-nos, penetram-nos por todas as partes; de forma que, onde menos se pensa e quem mais despercebido passa, é um grande inimigo; talvez ocupando um lugar importante e estratégico, para trabalhar como lobo rapaz disfarçado com pele de manso cordeiro.

Que polvo tão horripilante vi...! E que tentáculos estendiam-se pela minha Igreja Santa, ocultos pela tinta deste monstro infernal...!».

E, reavivando a lembrança do que, apavorada e assustada, num momento de surpresa e cheia de arrepiante e dramático estupor contemplou o meu espírito e tão sucintamente deixei plasmado esse dia;

fazendo um chamamento de alerta aos filhos da Santa Mãe Igreja, membros vivos e vivificantes do Corpo Místico de Cristo;

necessito hoje superabundar sobre o terrível!, espantável!, arrepiante e pavoroso! daquele polvo infernal.

Estava como esmagado sobre a terra, pelo desconunal peso da sua corpulência; e ainda que movesse ao mesmo tempo lenta, mas ferozmente, os seus terríveis tentáculos, não podia levantar-se nem um palmo da poeira da terra; vindo-me à mente as palavras da Sagrada Escritura: «Rastejarás sobre o ventre e comerás pó todos os dias da tua vida»².

Ó que polvo tão monstruoso contemplou o meu espírito!; cheio de inúmeros tentáculos, fortes!, grossos!, com pêlos como puas; enquanto que uns olhos diabólicos, redondos, agitados, grandes, repulsivos e inquietos que davam terror, movendo-se para um lado e para outro feroz e vertiginosamente, olhavam, e olhavam-me desejando pulverizar-me e fazer-me desaparecer, se possível fosse; solapado, enlouquecido, invejoso, vingativo, e destruidor, para demolir

² Gn 3, 14.

quanto estivesse ao seu alcance como uma máquina de pisoar;

expandindo sigilosa e solapadamente os seus terríveis e horripilantes tentáculos para ir-se infiltrando ladinamente, tentando chegar a todas as partes e dominar quanto lhe fosse possível com a sua ira cheia de inveja, rancor, desespero, amargura e vingança endiabrada;

e procurando enganosamente, como no Paraíso terrestre, arrebatando às almas a posse do gozo eterno que ele perdera, caindo para sempre no Abismo insondável da perdição, aberto para ele e para seus seguidores, diante da sua abominável e repelente rebelião contra o Infinito e Coeterno Criador.

Era a expressão mais patente do diabo, e estava infiltrado insidiosa e solapadamente no seio luminoso e espaçoso da Mãe Igreja, cheia de santidade e resplandecente de divina beleza e formosura, como espelho sem mancha, pela posse do mesmo Deus que a penetra, a satura, a enobrece e a engalana; intentando, enlouquecido e furiosamente, pulverizar e devorar, inundando com o lodo do seu pestilento lodaçal.

Diante do qual, apavorada e assustada, mas enaltecida pelos zelos de Iahweh e ardendo em amores pela glória de quem amo; lancei-me pressurosa, correndo em espírito com a rapidez de um raio, para ver e surpreender de perto aquele monstro repulsivo, e o que era e como atuava.

O qual, ao ver que me aproximava, olhando-me cheio de temor, enfurecido e como enlouquecido de raiva, querendo-se ocultar solapadamente ao meu olhar espiritual, para que não descobrisse até o fundo a sua insuspeitada e brutal malícia; apavorado e assustado, e rapidamente, expulsou de si mesmo uma tinta preta, envolvendo-se de tal forma que, ficando totalmente coberto, não se podia ver, por mais intentos que a minha pobre alma, assustada, procurava fazer para descobrir, até o profundo, os intentos agressivos, cheios de artimanhas, com todo o mal que produzia aquele monstro terrível, pavoroso e infernal, cheio de espantáveis e peludos tentáculos; intentando invadir tudo para oprimi-lo entre as suas estridentes, feridoras e pungentes garras que, como ganchos de ferro, capturavam-no, levando-o para ele para demoli-lo e podê-lo devorar.

No dia 10 de abril de 1997, manifestava:

«Hoje, aterrorizada e assustada, necessito dizer que o intento maior do diabo nestes tempos, é dessacralizar tudo, tirar tudo o que é divino, confundir os dogmas, fazendo desaparecer da mente e do coração do homem e dos cristãos o pensamento de Deus no seu ser e no seu atuar; pondo o homem com os seus problemas e pensamentos –que “como são fúteis”³– como fim e centro da vida, e inclusive do cristianismo.

³ Sl 93, 11.

Pelo que, cheia de amor a Deus, à Igreja e às almas, gemo e clamo, dolorida e dilacerantemente diante da rebelião de Lúcifer e a do homem, feita una com os Anjos do Céu: Quem como Deus?! que, cheio de misericórdia, ternura, compaixão e amor, para salvar-nos, “entregou o seu Filho único, para que todo o que n’Ele crer não pereça, mas tenha a vida eterna”⁴. Pelo que Jesus dizia: “Ninguém tira a minha vida, Eu a dou por mim mesmo. Tenho poder de entregá-la e tenho poder de recebê-la novamente”⁵».

Repulsivos e arrepiantes tentáculos oprimem e ocultam em si, sob a treva tenebrosa da tinta preta e espessa que os envolve, as insídias diabólicas, cheias de maquinações que recaem sobre a Mãe Igreja;

utilizando os inimigos desta Santa Mãe, infiltrados insidiosamente por todas as partes, e, de modo especial, ali onde procura-se buscar glória para Deus e dar a vida divina às almas;

não só para fazer rebentar a Igreja desde dentro, mas para perturbar, corroer e até romper por toda classe de meios, mais ou menos lícitos ou ilícitos, mais ou menos confusos, estranhos e agressivos que afanosa e diabolicamente lhes seja possível, os membros do Corpo Místico de Cristo e, especialmente, os mais vivos, vivificantes e vitalizadores; fazendo cair e

⁴ Jo 3, 16.

⁵ Jo 10, 18.

recair com mentiras e enganos insidiosos e caluniosos, inclusive os eleitos e ungidos de Deus.

Para que a Mãe Igreja, santa e santificante, divina e divinizante, repleta de maternidade e cobrindo as suas ricas jóias com um manto de luto pelos filhos que, por não a conhecerem bem, foram embora do seu seio de Mãe; apareça denigrada e como manchada pelos pecados de muitos dos seus mesmos filhos; inclusive da «raça escolhida, o sacerdócio do Reino, a nação santa, o povo que Ele conquistou para proclamar as obras admiráveis daquele que vos chamou das trevas para a sua luz maravilhosa»⁶;

apresentando a Igreja –cheia de juventude e sublime formosura– morena e desencaixada, fazendo recair sobre ela uma culpa que em si não tem nem pode ter, por ser tão divina pela sua real Cabeça, como humana pela pesada e dura carga dos pecados dos seus filhos, que a fazem aparecer, diante do olhar dos que não a conhecem bem e por isso não a amam, cheia de deformações, envelhecida, como afeada, e até manchada: «verme, não homem, riso dos homens e desprezo do povo»⁷ como Cristo com a sua cruz nas costas pelo caminho do Gólgota.

O qual, com a sua morte na ara da cruz, engalanou a sua Esposa, a Igreja, com um manto real de sangue; para que possa perdoar, limpar e purificar os pecados dos seus filhos; e com a

⁶ 1 Pd 2, 9.

⁷ Sl 21, 7.

sua ressurreição gloriosa imortalizou-a, fazendo-a a Nova, Universal e Eterna Jerusalém, fundamentada sobre a Rocha de Pedro; ao qual lhe disse: «Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela»⁸;

e dando-lhe a infalibilidade na Igreja:

«Eu te darei as chaves do Reino dos Céus e o que ligares na terra será ligado nos Céus, e o que desligares na terra será desligado nos Céus»⁹; «Simão, Simão, eis que Satanás pediu insistentemente para vos peneirar como trigo; Eu, porém, orei por ti, a fim de que tua fé não desfaleça. Quando, porém, te converteres, confirma teus irmãos»¹⁰;

e fazendo-o Pastor Supremo de toda ela:

«Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes?». “Sim Senhor”, lhe disse, “tu sabes que te amo”. “Apascenta os meus cordeiros”. “Simão, filho de João, tu me amas?”. “Sim Senhor, Tu sabes que te amo”. “Apascenta minhas ovelhas”. Pela terceira vez lhe diz Ele: “Simão, filho de João, tu me amas?”. “Senhor Tu sabes tudo; Tu sabes que te amo”. “Apascenta as minhas ovelhas”¹¹.

E atrás desta profunda e riquíssima realidade, Cristo fez de Pedro Pedra e Fundamento da Igreja, concedeu-lhe a infalibilidade e o constituiu Supremo Pastor de todo o seu rebanho.

⁸ Mt 16, 18.

⁹ Mt 16, 19.

¹⁰ Lc 22, 31-32.

¹¹ Jo 21, 15-17.

«Coragem, Jerusalém, consolar-te-á Aquele que te deu um nome. Dirige teu olhar para o Oriente, Jerusalém, e vê a alegria que te vem da parte de Deus».

«Despe, Jerusalém, a veste da tua tristeza e desgraça, e reveste para sempre a beleza da glória que vem de Deus. Cobre-te com o manto da justiça que vem de Deus, e coloca sobre a cabeça o diadema da glória do eterno. Pois Deus te mostrará o teu fulgor debaixo do céu, e te chamará com o nome que vem de Deus para sempre: “Paz-da-justiça e Glória-da-piedade”.

Levanta-te, Jerusalém, coloca-te sobre o alto e olha em direção do Oriente: vê teus filhos, reunidos desde o pôr do sol até o nascente à ordem do Santo, alegres por Deus ter-se lembrado deles»¹².

Pelo que, diante de quanto Deus mostra à minha alma para que o manifeste, sob a moção e o impulso do Espírito Santo; no dia 18 de fevereiro de 1975, expressava:

«É necessário que os Sucessores dos Apóstolos, reunidos em torno de Nossa Senhora toda Branca de Pentecostes, peçam ao Espírito Santo que descenda sobre a Igreja, para que, iluminando as suas mentes e inflamando os seus corações, reavive-se, resplandecendo novamente, a verdade com toda a sua verdade que no seio desta Santa Mãe encerra-se para todos os homens.

¹² Br 4, 30. 36; 5, 1-5.

E então, e só então!, mediante o derramamento e a força do Espírito Santo, desaparecerá a confusão, dissipar-se-ão as nuvens que envolvem a Igreja, e resplandecerá o seu rosto belíssimo. A força do Espírito Santo robustecerá as Colunas da Igreja para que, levantando-a da sua prostração, apresentem-na diante dos homens, como num novo Pentecostes, atrás do seu aparente fracasso, como Esposa imaculada do Cordeiro sem mancha, repleta de graça e de virtude com a posse do mesmo Deus em doação de amorosa sabedoria aos homens».

Pelo que esta manhã, 19 de maio de 2002, festa de Pentecostes, durante a celebração do Sacrifício Eucarístico do Altar, recordando o anteriormente mencionado, abrigada no regaço de Maria, Mãe da Igreja, e feita una com os Sucessores dos Apóstolos; no meu clamar ofegante, e enaltecida de amor pela Igreja, repetia e repetia... cheia de amor e de gozo, sob o impulso do Espírito Santo, a antífona do salmo responsorial: «Envia, Senhor, teu Espírito, e renova a face da terra»; «para que nos leve ao conhecimento pleno de toda a verdade revelada»¹³.

E assim, com o poder que Cristo deu aos seus Apóstolos –aos quais encomendou a sua Igreja fazendo-os Pastores do seu Rebanho, e dando-lhes, para isso, os seus mesmos poderes

¹³ Sl 103, 30; S. Missa de Pentecostes, oração sobre as oferendas.

divinos– os espíritos malignos que andam soltos fiquem atados e constrangidos.

«Tudo quanto ligardes na terra será ligado no Céu e tudo quanto desligardes na terra será desligado no Céu»; «e deu aos Doze poder e autoridade sobre todos os demônios»¹⁴.

Ficando, com isso, freados os filhos das trevas que maquinam na noite instigados pelo Maligno.

Pois «é justo diante de Deus que os vossos atribuladores recebam tribulações como retribuição e que vós, os atribulados, recebais como recompensa o descanso conosco. Isto vai acontecer, quando se revelar o Senhor Jesus vindo do Céu com os anjos do seu poder, num fogo chamejante, para punir aqueles que não conhecem a Deus e os que não obedecem ao Evangelho de nosso Senhor Jesus. Eles serão punidos com a ruína eterna, longe da face do Senhor e da glória do seu poder, quando Ele vier, naquele dia, para ser glorificado nos seus Santos e para ser admirado em todos os que tiverem crido. Ora, vós acreditastes no testemunho que demos diante de vós»¹⁵.

«Eis que Eu venho em breve, e trago comigo o salário para retribuir a cada um conforme o seu trabalho»¹⁶.

Enquanto que eu, só como o Eco pobre, pequenino e diminuto da Santa Mãe Igreja, em

¹⁴ Mt 18, 18; Lc 9, 1.

¹⁶ Ap 22, 12.

¹⁵ 2 Ts 1, 6-10.

repetição dos seus inéditos e dramáticos cantares, e cheia de lamentações;

feita una com o Santo Padre e meus Bispos queridos, aos que tanto amo, com o povo sacerdotal e consagrado e todos os membros do Corpo Místico de Cristo; gemendo dolorosa e dilacerantemente, com temor e tremor por aqueles que, como Judas, por trinta moedas entregam o Filho do Homem e a sua Esposa a Igreja, e pudessem chegar a recair sobre eles as palavras de Jesus: «melhor seria para eles não terem nascido»¹⁷;

em adesão incondicional aos Sucessores dos Apóstolos e colaborando com eles na missão essencial que Cristo lhes encomendou ao fundar a sua Igreja; experimentando-me a «voz que clama no deserto»¹⁸;

veemente e ardentemente quero e necessito ajudá-los a preparar os caminhos para o dia da volta do Senhor; repetindo e reavivando no meu espírito as palavras do Apóstolo:

«Eu te conjuro, diante de Deus e de Cristo Jesus, que há de vir julgar os vivos e os mortos, pela sua Aparição e por seu Reino: proclama a palavra, insiste, no tempo oportuno e no inoportuno...»¹⁹.

Já que «deve vir primeiro a apostasia, e aparecer o homem ímpio, o filho da perdição, o adversário, que se levanta contra tudo que se chama Deus, ou recebe culto, chegando a sen-

¹⁷ Cf. Mt 26, 24.

¹⁸ Jo 1, 23.

¹⁹ 2 Tm 4, 1.

tar-se pessoalmente no templo de Deus, e querendo passar por Deus.

Não vos lembrais de que vos dizia isto quando estava convosco? Agora também sabeis que é que ainda o retém, para aparecer só a seu tempo. Pois o mistério da impiedade já age, só é necessário que seja afastado aquele que ainda o retém! Então, aparecerá o ímpio, aquele que o Senhor Jesus destruirá com o sopro de sua boca, e o suprimirá pela manifestação de sua vinda.

Ora, a vinda do ímpio será assinalada pela atividade de Satanás, com toda a sorte de portentos, milagres e prodígios mentirosos, e por todas as seduções da injustiça, para aqueles que se perdem, porque não acolheram o amor da verdade, a fim de serem salvos. É por isso que Deus vê que entrará neles o poder da sedução, para acreditarem na mentira e serem condenados, todos os que não creram na verdade, mas antes consentiram na injustiça»²⁰.

«Que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai a quem pertence a Glória, vos dê um espírito de sabedoria que vo-lo revele e faça verdadeiramente conhecer. Que Ele abra o vosso coração à sua luz, para que saibais qual a esperança que o seu chamado vos dá, qual a riqueza da glória que está na vossa herança com os santos e que imenso poder Ele exerceu em favor de nós que cremos, de acordo com a sua ação e força onipotente Ele mani-

²⁰ 2 Ts 2, 3-12.

festou sua força em Cristo, quando o ressuscitou dos mortos e o fez sentar-se à sua direita nos céus, bem acima de toda a autoridade, poder, potência, soberania ou qualquer título que se possa nomear não somente neste mundo, mas ainda no mundo futuro. Sim Ele pôs tudo sob os seus pés e fez d'Ele, que está acima de tudo, a Cabeça da Igreja, que é o seu Corpo, a plenitude d'Aquele que possui a plenitude universal»²¹.

Já que o Senhor Jesus, «no decurso duma refeição da qual participou, ordenou-lhes» aos seus Apóstolos «que não se afastassem de Jerusalém, mas que aguardassem a promessa do Pai, “a qual, disse Ele, ouvistes de minha boca: João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo dentro de poucos dias”.

Estando, pois, reunidos, eles assim o interrogaram: “Senhor, é agora o tempo em que irás restaurar a realeza em Israel?”.

Ele respondeu: “Não compete a vós conhecer os tempos e os momentos que o Pai fixou com sua própria autoridade”. “Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e a Samaria, e até os confins da terra”.

Dito isto, foi elevado à vista deles, e uma nuvem o ocultou a seus olhos.

²¹ Ef 1, 17-23.

Estando a olhar atentamente para o céu, enquanto Ele se ia, dois homens vestidos de branco encontraram-se junto deles e lhes disseram: “Homens da Galiléia, por que estais aí a olhar para o céu? Este Jesus, que foi arrebatado dentre vós para o céu, assim virá do mesmo modo como o vistes partir para o céu”»²².

Porque «como o relâmpago parte do Oriente e brilha até o Poente, assim será a vinda do Filho do Homem. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem e todas as tribos da terra baterão no peito e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória. Ele enviará os seus Anjos que, ao som da grande trombeta, reunirão os seus eleitos dos quatro ventos, de uma até a outra extremidade do céu».

«Passará o céu e a terra. Minhas palavras, porém, não passarão»²³.

E «quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os Anjos com Ele, então se assentará no trono da sua glória. E serão reunidas em sua presença todas as nações e Ele separará os homens uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos, e porá as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. Então dirá o rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo...»

²² At 1, 4-11.

²³ Mt 24, 27. 30 ss.

«Em seguida, dirá aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e para os seus anjos...»²⁴.

«O Espírito e a Esposa dizem: “Vem!”. Que aquele que ouve diga também: “Vem!”. Que o sedento venha, e quem o deseja, receba gratuitamente água da vida.

Aquele que atesta estas coisas, diz: “Sim, venho muito em breve!”. Amém! Vem, Senhor Jesus!»²⁵.

²⁴ Mt 25, 31-34. 41.

²⁵ Ap 22, 17. 20.

7-4-1978

VARREDORES NA IGREJA

Hoje, penetrada pelo coeterno e infinito pensamento, iluminada com a luz do Alto, recebi uma nova surpresa na minha vida...; uma nova consciência, ainda mais profunda, da minha vocação, da minha missão na Igreja com quantos, para ajudá-la, o Amor Infinito deu-me!

Num abrir e fechar dos olhos, uma raio de luz da Eterna Sabedoria penetrou-me, como com a agudeza de uma espada afiada, no mais recôndito e profundo da medula do espírito. E, pela cintilação da sua iluminação, fez-me viver, num instante, o transcorrer de todos os tempos..., de todos os séculos...; com a contemplação nova e surpreendente da Santa Igreja de Deus, como o único Caminho que nos conduz, por Cristo e sob o abrigo e o amparo da maternidade de Nossa Senhora de Pentecostes, Mãe da Igreja, para a Casa do Pai.

E vi-me, de repente, com uma vassoura varrendo a minha Igreja...!!

Instante de surpresa, refulgente de luz que invadiu a minha alma com uma doce e saborosa vivência...! Fiquei carregada como a atmosfera de eletricidade em dias de tormenta,

como um vulcão que necessita romper em erupções, ou como o oceano imenso quando, sacudido por um maremoto, transborda-se por todas as partes inundando tudo;

contendo o ímpeto acometedor que me invadia pela força da comunicação do Infinito, que, de maneira simples, mas com braço potente, impulsava-me com a minha grande vassoura a varrer a Igreja, para fazer limpeza nela do modo eficaz que o faz um varredor, na maneira simples de uma simples vassoura.

Eficácia e simplicidade!, humildade e valentia!, claridade e limpeza!; chegando com a minha vassoura a todos os cantos, para deixá-los do modo que Deus queria.

E assim o Caminho luminoso que conduz à Eternidade ficasse transparente; espelho sem mancha, no qual o mesmo Deus se olha e, na esplendidez e brilhantez da transparência transcendente da sua infinita e coeterna santidade, reverbera-se em manifestação de sabedoria amorosa, clara e deslumbrante, na profundidade das suas infinitas e coeternas pupilas, aos homens que, vindo atrás de nós, ao andar em vertiginosa carreira pelo desterro rumo ao infinito Lar, pudessem descobrir, nesse Caminho cheio de luz, brilhantez e resplandecente de claridade, o único caminho, de verdade, que é Cristo, Resplendor do Sol divino, «Luz de Luz e Figura da substância do Pai»¹, uno com o Pai

¹ Cf. Hb 1, 3.

e o Espírito Santo; o qual, com a iluminação da sua Verdade, através da Igreja, conduz-nos à Vida Eterna.

Roubada e subjugada pela marca do raio de luz que iluminara a minha alma no relâmpago refulgente do fogo de Deus lançado sobre mim com ímpeto aceso e braço poderoso; comecei, como de costume, a fazer oração durante as prolongadas horas de uma das minhas manhãs.

Depois da Santa Missa, com Jesus dentro do peito, comecei a experimentar essa força da passagem de Deus que me envolve nas suas brasas, penetrando o meu entendimento para que veja e impulsando a minha vontade pelo seu infinito querer para que fale;

e assim vá comunicando, do modo que possa –durante o transcurso destes tempos de oração nos quais me experimento submergida no silêncio do mistério e totalmente tomada por Deus– o que, através de mim, com palavra de fogo, em amorosa, simples e profunda sabedoria, Ele quer comunicar aos homens.

Como o ímpeto de quem me faz repetir em «Eco» a sua vontade na Igreja e para a Igreja, ia-se apoderando progressiva e amorosamente de todo o meu ser com a iluminação profundamente simples da verdade que me invadia; a necessidade de expressar a minha vivência ia-se fazendo, também, cada vez mais impetuosa pela car-

ga de conhecimento que o Entendimento divino punha no meu pobre e pequenino entender.

Ao mesmo tempo que todo o meu ser experimentava um desencaixe entre o corpo e a alma; que, em desconjuntamento, põe-me como numa morte espiritual, pela potência da força da passagem de Deus que me rouba e me lança pelo arrulho do seu vôo em passagem de fogo impelida para Ele.

Já que, diante da experiência que o natural apercebe do sobrenatural, sendo dominado e possuído pela brisa do ímpeto saboreável da Divindade, o corpo treme; e como perdendo as suas forças físicas, apercebe, diante da vizi-nhança do Eterno, como um arrepio de morte trocando-se em vida sobrenatural; já que a vida eterna modifica a terrena, fazendo-a participar do sobrenatural do modo que, só quem o vive, saberá sabê-lo compreender no saboreamento sagrado, saboroso e divinizante, para de alguma maneira podê-lo chegar a comunicar.

Saturada a medula do espírito com a luz do Amor Eterno; a penetração da sua claridade fazia-me, pela inflamação do seu fogo cada vez mais ardoroso, nos raios da infinita sabedoria, ir descobrindo o porquê desta nova e profunda petição de Deus à minha alma.

Vi a Igreja como o Caminho refulgente de luz, repleto de Divindade, reto, firme, seguro, claro, luminoso, transparente, imperturbável, in-

tocável, incorruptível, invencível!, que conduz para a Casa do Pai.

Entendendo que este Caminho, como espelho sem mancha pelo qual passaram multidões incalculáveis de homens; no transcurso dos tempos e no passar de cada um, fora tão sujado...!, tão empanado...!, tão afeado...!, que às vezes até arrepio dava passar por ele.

Caminho que, normalmente, no nosso cruzar, uns de uma maneira e outros de outra, empoeiramos, afeamos, sujamos e manchamos...!

Quantos homens passaram pelo caminho da Igreja...! Todos e cada um com os seus inumeráveis pecados, com a concupiscência da sua carne, com a soberba e ofuscação dos seus corações entorpecidos pela torcedura dos seus pensamentos;

com seus modos e estilos pessoais, com o apego aos seus próprios critérios...; com a ofuscação das suas mentes obscurecidas, com a má vontade dos seus corações cheios de pecados, que, na insensatez das suas vidas entenebrecidas, não lhes deixa ver no espelho transparente da Igreja a face de Jesus «e Este crucificado»² que nos convida a segui-lo, atrás do seu aparente fracasso, mediante a sua ressurreição gloriosa, às Bodas eternas de Cristo com a sua Igreja, sob a força e o ímpeto acometedor do Espírito Santo.

² 1 Cor 2, 2.

Pelo que intentam enfrentar-se com a santidade infinita e excelsa do mesmo Deus, levados pela soberba, a luxúria, a inveja, o rancor, e por tudo aquilo que não é segundo Deus, e inclusive contrário e até repelente à sua infinita santidade!; e rebelando-se descabeladamente contra Deus em enfrentamento diabólico, dizem-lhe: «não te servirei»³;

ao Deus que os criou só e exclusivamente para que o possuíssem, e restaurou-os mediante o Sangue do Cordeiro Imaculado que tira os pecados do mundo, derramado na ara da cruz!

Mas todos passaram..., e, ao passar, deixaram a sua pegada; pegada que é mais ou menos marcada, mais ou menos suja, na medida e estado dos pés dos que passam.

Vi também que os que eram maiores na Igreja, levavam uns sapatos maiores e mais pesados; e, se tinham-nos manchados, as suas pegadas eram mais profundas e mais daninhas..., deixando a Igreja mais manchada e até gretada!

Enquanto que os que, no bloco dos demais, passavam despercebidos, marcavam-na com menos pegada, ainda que também deixavam a sua.

Entre uns e outros tinham-na desfigurado, afeado, empoeirado e manchado...!; profanando a santidade de Deus, ao pôr as suas pisadas fedorentas sobre o espelho sem mancha onde o mesmo Deus, na formosura do seu rosto di-

³ Jr 2, 20.

vino, olha-se e reflete-se em reverberação majestosa do esplendor da sua glória: a Igreja Santa, Caminho luminoso para a Eternidade.

Caminho que tem como Cabeça, com a sua coroa de glória, o Unigênito Filho de Deus, o Verbo da Vida Encarnado coberto com um manto real de sangue; quem, para conduzir-nos seguros para o encontro do Gozo eterno, fez-se um de nós, caminhante, peregrino e desterrado; e pelo mistério da sua Encarnação, vida, morte e ressurreição gloriosa, abriu com as suas cinco chagas os Portões suntuosos da Eternidade para introduzir-nos no seio espaçoso do nosso Pai Deus, fechado pelo pecado.

No correr dos tempos vi homens com tantos modos de manchar a Igreja ao cruzar por ela...! Quem ao passar por um caminho, se sente necessidade, não cospe? Quem não arroja todo o sujo que lhe estorva? Ainda nele deixam-se, muitas vezes, ocultos, até os excrementos...!

O que mais claro gravou-se na minha alma neste dia cintilante de luz e de verdade, foram estas duas coisas:

Que a Igreja, como Caminho luminoso que nos conduz à Verdade e contém a Vida, cheio de brilhantez e formosura, de santidade e majestade divina e de plenitude, encontrava-se tão carregada de misérias, de podridão!, que dificilmente podia-se descobrir nela a face formosa de Cristo, divina e divinizante, na sua repleção de Divindade.

E que os que mais a tinham manchado e desfigurado, com piores conseqüências e maiores marcas, eram muitos de aqueles que, por terem ocupado no seu passar postos mais importantes, de maior responsabilidade e relevo, tinham os sapatos maiores;

os quais, se tinham sido pousados previamente em sujeiras ou estavam envoltos em podridão, no seu pisar e roçar pelo caminho resplandecente e luminoso que é a Igreja deixavam umas pegadas muito sujas, muito grandes, muito marcadas e fedorentas;

pegadas que até faziam sulcos e gretas no Caminho, impedindo a outros correr gozosamente por ele, sem tropeçar, para o fim almejado; e que fizeram da Igreja, aparentemente, como um lixeiro ou esterqueira.

Quanto entendi em pouco tempo, no raio luminoso que invadiu o meu ser penetrando-me de amor e dor...! De amor pela Igreja e de amargura por ter que contemplá-la desta maneira. Pois, pela limitação e pequenez do meu pobre expressar, tinha que descer do mais alto ao mais baixo, para expor com comparações rasteiras as coisas mais sublimes, mais altas que o Senhor, naquela temporada, também estava comunicando-me e fazendo-me viver.

Ó, o que sucede numa cidade quando os varredores declaram-se em greve...! Por muito formosa, luminosa e bonita que seja, cheia de verdes prados e ricos e abundantes mananciais,

se não se cuida e limpa bem, aparece –não é que seja– suja, abandonada, empoeirada, empobrecida e até manchada. E se isto chega a prolongar-se, e a uma coisa tão aparentemente simples como uma greve de varredores não se faz caso, saem os ratos..., começam a surgir as infecções... e inclusive a cólera...!

Pobre Igreja minha, tão formosa, tão Senhora e repleta com a mesma Divindade, coberta, através dos séculos, com esse lamaçal fedorento que lhe deixaram muitos de quantos a cruzaram, e especialmente os mais grandalhões...!

«Já não te chamarão “Abandonada”, nem chamarão à tua terra “Desolação”. Antes, será chamada “Meu prazer está nela”, e tua terra, “Desposada”. Com efeito, Iahweh terá prazer em ti e se desposará com tua terra»⁴.

Que necessária e que impelida sob a força do impulso divino vi-me com a minha vassoura varrendo a minha Igreja amada, a minha Igreja Mãe, a minha Igreja Santa, a minha Igreja minha...!

Que missão mais simples e mais urgente a minha...! Cada dia que passa sem pegar a minha vassoura eficazmente para varrer, colaboro para que a peste propague-se mais, enfermando alguns e inclusive matando outros com o seu contágio.

⁴ Is 62, 4.

Compreendi que Deus pedia-me, a mim e à minha descendência, que fôssemos tão simples, mas tão eficazes, como a vassoura de um varredor.

A minha descendência era a vassoura, e eu a tinha que pegar pelo seu cabo para varrer as sujeiras com as que, no transcorrer dos tempos, a Igreja fora sujada e afeada.

Era necessário apresentar a brilhantez da sua divina formosura, a sua beleza, a sua juventude e a sua santidade intocável, a sua inexaurível riqueza e a sua transcendente e sugestiva virgindade irrepreensível, diante da vista dos homens.

Já que o espelho sem mancha, que eu vi que era a Igreja, no qual se olha, se manifesta, se reflete e se nos comunica o mesmo Deus, na sua doação amorosa pela participação da sua mesma vida familiar e trinitária, estava tão escurecido!, que se provocara uma onda de confusão pela nuvem tenebrosa de uma noite fechada que punha a Igreja num arrepiante e doloroso Getsêmani.

Enquanto entendia tudo isto, ia-me vendo veementemente impulsada por Deus, com a minha grande vassoura, a varrer pressurosamente e sem descanso a Igreja de todas aquelas coisas humanas que, no passar dos tempos, tinham-na desfigurado tanto, tanto...!, que para muitos dos homens chega, na ofuscação da tenebrosidade que nos envolve, a ser indiferen-

te ou a preferir qualquer outro caminho no seu peregrinar.

Já que este, não só se lhes apresentava cheio de dificuldades, mas ainda de confusão e marcas, com os estilos de coisas estranhas que se foram aderindo à Igreja; pondo-a tão desfigurada, que às vezes chegava a aparecer, diante do olhar dos que não a conhecem bem, como cheia de putrefação aquela que é a Esposa imaculada de Deus e do seu unigênito Filho Jesus Cristo, o Cordeiro sem mancha diante do qual «os quatro seres vivos e os vinte e quatro anciãos..., cada um com uma cítara e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos Santos, cantando um canto novo: “Digno és Tu de receber o livro e de abrir seus selos, pois foste imolado e, por teu Sangue, resgataste para Deus homens de toda tribo, língua, povo e nação. Deles fizeste, para nosso Deus, um reino de sacerdotes, e eles reinarão sobre a terra”»⁵.

Cada século com as suas épocas teve os seus costumes mais ou menos bons, mais ou menos confusos e tenebrosos; os quais, por meio dos homens que foram passando pela Mãe Igreja, deixaram nela as suas pegadas, com tanta diversidade de coisas estranhas que às vezes dificilmente e a duras penas pode-se reconhecê-la como a única Igreja verdadeira, fundada por Cristo, cimentada nos Apóstolos e perpetuada durante todos os tempos.

⁵ Ap 5, 8-10.

Diante de tudo isto, com a avidez do coração das mães, com a urgência que Deus punha nas minhas entranhas e com o fogo que me abrasava em zelos pela glória da Esposa de Cristo, a minha Igreja Santa, lembrei-me dos meus filhos e surgiu na minha mente: Serão todos tão simples e tão humildes que estejam dispostos a ser comigo no seio da Igreja vassouras para varrer? Ou poderá algum sentir-se humilhado diante de tal consideração...?

Quem isto sinta não pode ser minha descendência, porque não tem a capacidade eficaz que Deus me pede para varrer a Igreja, sendo comigo instrumento de limpeza e, talvez, pelo modo humilhante de vassoura, como Cristo, irrisão e mofa de quantos nos rodeiam.

Foi tanta a eficácia que vi na vassoura, que senti-me impelida a pegá-la; e tão grande a sua simplicidade, que experimentei-me roubada e cativada por ela. Como compreendi novamente que Deus comunica-se aos pequenos e que, através destes instrumentos simples, Ele se faz eficaz em manifestação esplendorosa da sua glória!

Filhos da alma, um desejo surgiu no mais profundo do meu coração: instintivamente queria ser a última parte dos fios da vassoura, a que mais diretamente se pusesse em contato com o escombros, com o lixo que deixaram nos ângulos da Igreja... Mas a minha vocação não era ser fio, era empunhar a vassoura com o seu cabo; e os fios eram os filhos da grande promessa que

Deus fez à minha alma; pelo qual repetia entre prantos:

Filhos, ajudai-me a ajudar a Igreja; a varrer o lixo que caiu no transcorrer dos tempos no espelho transparente e sem mancha, luminosíssimo e resplandecente da Mãe Igreja, onde, atrás da brilhantez da sua luminosidade reflete-se, descobrindo-se pela face de Cristo, o rosto de Deus nela...! E se algum se sente humilhado, não é da minha descendência e, portanto, não tem parte comigo; pode ir embora.

Não quero fios com puas que arranham e fazem dano e ruído; mas fios simples, flexíveis, suaves, mas eficazes, que todos unidos, formem uma grande vassoura tão ágil que possa meter-se por todos os ângulos, para que não fique nada de poeira oculta em nenhum lugar.

Filhos do meu coração, tendes que andar com alpargatas, para que, ao passar, não façais dano à Igreja, pela suavidade dos vossos pés, no silêncio e simplicidade dos pobres que não deixam as suas pegadas pela sutileza do roçar do seu caminhar.

Quantas vezes repeti-vos que temos que andar pela Igreja sem fazer ruído, como com alpargatas, e tão despercebidos que não se vos sinta...?! Com quanta necessidade hoje volto a repetir-vos!

Filhos do meu coração, e se depois de ter varrido e deixado limpa a Igreja de quanto tem vindo caindo sobre ela no transcurso do tempo;

com quando Deus comunicou-nos para manifestá-lo, sendo testemunhos vivos e vivificantes no meio do mundo, com a nossa palavra feita vida, como simples mas eficazes vassouras; também fôssemos panos, e assim chegássemos a poder encará-la, abrillantando-a, para que Deus, ao olhar-se nela, pela transparência de sua limpeza e brilhantez se nos refletisse tão maravilhosamente que, atraídos pela formosura da Divindade, os homens vissem o rosto de Deus na Igreja e viessem pressurosos ao Caminho límpido e transparente, cheio da verdadeira justiça e paz, de amor, de gozo e de verdade...?

Os mais pequeninos, os mais simples, sereis, comigo, os mais úteis neste ofício de varredores que nos foi encomendado hoje por Deus no seio da Igreja.

Filhos da minha *alma-Igreja*, é necessário que a iluminação do mistério que, desde Deus, em petição amorosa e ao mesmo tempo clamorosa, foi-nos transmitido, vá deixando também a sua pegada no nosso passar pela Igreja.

Mas, como poderá ser isto com a eficácia que o mesmo Deus quer, no meio da densa nuvem de confusão, materialismo e concupiscências que estão caindo continuamente sobre a Igreja, pondo-a no desamparo arrepiante de um terrível Getsêmani?

Se queres que resplandeça o seu rosto belíssimo, que corram os homens pelo seu Caminho, atraídos pelo «odor dos seus perfumes, que são

melhores do que o vinho»⁶, para embriagarem-se do néctar riquíssimo da Divindade; nesta situação em que hoje encontra-se a Mãe Igreja, tens que ser pequeno. Os Pescadores da Galiléia foram os instrumentos que Cristo escolheu para fundá-la.

Queres ser tu, filho da alma, comigo, instrumento que me ajude a varrer da Igreja tudo aquilo que não é segundo Deus, para que assim manifeste-se nela a riqueza dos seus mistérios...?

«Ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar»⁷. E o Filho, manifestação explicativa da vontade do Pai, cheio de júbilo, exclama: «Eu te louvo, ó Pai, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos...!»; «Deixai as crianças e não as impeçais de virem a mim...»; «E Jesus abraçava-os»; «Não existe discípulo superior ao Mestre...»; «E lavou os seus pés...»⁸.

Lembras, filho da alma, que tu só tens que ser túnica...?; que há que fazer como uma revolução cristã dentro da Igreja, porque a vida de Deus é para todos os seus filhos; e que o Seio do Pai está aberto esperando encher-se...?

E lembras como as entranhas dilaceradas da Igreja estão reclamando a volta dos filhos que

⁶ Ct 1, 3. 2.

⁷ Mt 11, 27.

⁸ Mt 11, 25; 19, 14; cf. Mc 9, 36; Mt 10, 24; Jo 13, 5.

foram embora do seu regaço de Mãe, deixando-a dilacerada e coberta com um véu de luto por não ter sido descoberto a eles o seu rosto bellissimo e luminoso, repleto de Divindade...?

Lembras quando pediu-me ajuda jogada no chão, chorosa, ofegante e encurvada, com o rosto envolto em lágrimas...? E a nuvem de confusão que a envolve...?

Lembras a situação das suas Colunas, dos Anjos das diversas Igrejas, e quantas vezes disseste que Deus está ardendo em zelos pela glória da sua Amada...?

E a vontade d'Aquele que, com mandatos eternos, enviou-nos somente para ajudar a Igreja, apresentando-a tal qual é e, assim, glorificá-lo...?

E tudo quanto já bem conheces, e eu, por parte de Deus, secretamente contei-te sob o sigilo e o segredo que não poderás manifestar publicamente até depois da minha morte; sendo quando conheces o segredo mais sagrado, mais selado e lacrado do teu coração, como parte da minha descendência, membro de A Obra da Igreja...!

Como poderão, os que intentam reformar a Igreja, consegui-lo apresentando um Cristo humano e sem Divindade!?

Como, na vida de Jesus, os olhos altaneiros e o coração orgulhoso não foram capazes de ver na face de Cristo o Verbo Infinito e conduziram-no ao patíbulo; assim os olhos altaneiros

e o coração orgulhoso, sob a insídia diabólica, grita também agora desapiedadamente à Igreja: «É réu de morte...! Crucifica-a...!»⁹.

Filho, quero-te muito pequeno, muito simples; tão ágil como uma túnica e tão humilde como o fio da minha vassoura:

Se queres ser minha descendência, já sabes a grandeza que te ofereço. E se isto te humilha, filho do meu coração, podes ir embora, «não tens parte comigo...»¹⁰.

A Igreja surgirá amanhã com o que, unidos na cruz de Cristo, feitos um com nossos Bispos queridos, cimentados na Rocha de Pedro e, com eles, sob a luz, o impulso e a força do Espírito Santo, façamos hoje, para a autêntica, verdadeira e essencial renovação da Igreja.

⁹ Mt 26, 66; Mc 15, 13.

¹⁰ Jo 13, 8.

NOTA:

Peço veementemente que tudo o que é expresso através dos meus escritos, por crê-lo vontade de Deus e por fidelidade a quanto o mesmo Deus me confiou, quando na tradução para outras línguas não se entenda bem ou se deseje esclarecimento, recorra-se à autenticidade de quanto ditado por mim no texto espanhol; já que pude comprovar que algumas expressões nas traduções não são as mais aptas para exprimir o meu pensamento.

A autora:

Trinidad de la Santa Madre Iglesia